

100 ANOS

SEM MEDO

CENTENÁRIO DE
PEDRO GONDIM

Por Gonzaga Rodrigues e Hélio Zenaide



QUEM É
O HOMEM?
O HOMEM
É PEDRO!



100

ANOS

SEM MEDO

CENTENÁRIO DE
PEDRO GONDIM



EXPEDIENTE:

Criação, coordenação
editorial e produção:
GCA Comunicação

Fotos:

Acervo da família



Uma homenagem a coragem de Pedro

A Paraíba, ao longo de sua história, revelou nomes de grandes personagens, nas mais diversas áreas. Nomes que transcenderam a grandeza do Estado e se tornaram personalidades importantes no cenário brasileiro. Pessoas que assinaram seus nomes na história como Augusto dos Anjos, Pedro Américo, Assis Chateaubriand, o Presidente Epitácio Pessoa, Ariano Suassuna, José Lins do Rego e tantos outros que, com seus talentos, confirmaram a Paraíba como grande celeiro de grandes cidadãos.

O ano de 2014 marca o centenário de nascimento de um talento posto a serviço das causas do povo e da defesa do Estado, Pedro Moreno Gondim. Para fazer jus ao seu legado, familiares e amigos se uniram e promoveram os eventos comemorativos aos 100 anos sem medo.

Profissionais de diversas áreas aderiram ao projeto, formataram a ideia inicial que conquistou a adesão de parceiros como Fundação Ulysses Guimarães, Porta Cênica, Prefeitura de João Pessoa, Banco do Nordeste e Bradesco. A todos a gratidão sincera dos familiares.

À Revista Carta, Pedro Gondim declarou “que não se preocupa com o que foi, com o que é e com o que possam pensar dele.

Trata-se da lição de um homem que chegou a um acordo com a própria consciência”. Mas história fez nascer o “grande mito”, reverenciando aquele que soube escrever as páginas das quais o povo paraibano pode se orgulhar.

O evento denominado “Cem anos sem medo”, marca as comemorações do centenário do seu nascimento e que vão além da simples homenagem. Confirmando sua ideologia de que um governante deve servir ao povo, o evento tem, sobretudo, a missão de mostrar às gerações a importância desse homem de voz altiva, que não se curvou diante dos obstáculos que lhe foram impostos.

E, para tanto, a vida de Pedro Gondim foi popularizada em verso e prosa através da internet no endereço www.pedrogondim.com.br, em literatura de cordel escrita por Liss Albuquerque, no documentário do cineasta Lúcio Vilar, resgate do acervo fotográfico e através deste livro nos depoimentos emocionados dos jornalistas Gonzaga Rodrigues e Hélio Zenaide, crônica, poemas e declarações de amor de familiares e amigos.



O HOMEM QUE FOI PEDRO

Por Gonzaga Rodrigues

João Pessoa, 2014



Pedro Gondim, filho do major Inácio Gondim.

Este nome, Inácio Gondim, soava com frequência nas ações benfazejas que o menino ouvia nas conversas de casa. O menino nunca vira o major, mas pelo que ouvia, era ele um aliado forte do seu pai. Quando quiseram tomar a propriedade que o pai ganhara em hasta pública. E quando o pai precisou de advogado para defender-se. O major, para defender um amigo, atuava como rábula.

“Aquela nesga de terra pegada com a nossa foi do major” - apontavam-me. O major apertou-se e, tendo de vendê-la, julgou melhor adjudicá-la à terra de Manuel Avelino. Podia ter cedido ao vizinho do lado sul, com alguns mil reis a mais, mas preferiu ajudar na colcha de retalhos que o vizinho de Santo Antonio vinha costurando tal um mouro em anos de tenacidade.

O major era do Capim Açú, onde nasceu Pedro, hoje uma encosta de serra no mato brabo com casa e engenho em escombros. Noutro país, (não precisa ir tão longe) noutro Estado, ali já tinham fincado uma placa, nem que fosse de madeira rústica e piche: Aqui nasceu Pedro Gondim. Bastaria isto.

Em 1958, cedo da manhã, o governador Pedro Gondim faz uma pausa nas informações que ditava e manda pôr uma xícara para o repórter que anotava, concentrado, ansioso, num extremo da mesa do café.

“Você é de onde?”

Hesitei um pouco, esaldado com um fora levado nove anos antes, mas aproveitei: “Sou de Alagoa Nova, filho de Manuel Avelino, seu vizinho do Capim Açú.” Como disse, comecei hesitante, mas terminei como quem se dispõe a tirar o atrasado. “Filho de Manuel Avelino, o das orelhonas?!” - perguntou levantando-se, a surpresa passando para trás o governador e soltando a mão inteira e franca do filho do major Inácio. Era o Pedro que ele conservava guardado nas lembranças da juventude.

POR QUE O VACILO?

Em 1951, Pedro reeleito deputado, mas chamado a compor a primeira equipe do governo José Américo como secretário da Agricultura, naquela manhã luminosa subi as escadas do prédio da Assembléia, onde funcionava a secretaria, com uma carta de Oscar Veloso Freire, amigo, compadre e anfitrião de Pedro em Alagoa Nova. Encarecia uma colocação para “um jovem inteligente, poeta, órfão de pai, que não podia vegetar num lugar sem oportunidades como este”.

No primeiro dia ele não pôde atender, ocupado. O segundo caía num sábado, casado com o domingo, uma eternidade para quem ansiava por uma chance na vida. Na segunda-feira, secretariado por um rapaz de óculos escuros que não parava de esfregar as mãos, o senhor secretário mandou que eu entrasse. Sentei-me por minha conta, entreguei-lhe a carta de Oscar e aguardei a leitura com ar confiante. Por que não dizer sorridente?

Inclinou-se para largar a carta numa gaveta de lado e, rápido, vexado, desenganou-me: “Não tenho onde lhe aproveitar. Isto aqui, de secretaria só tem o nome”.

Bateu a gaveta com força e mais não disse.

Desci arrasado, já vendo, por aí, que não seria fácil. Saí para a rua, para a praça imponente, coberta de árvores, onde uma escadaria de degraus romanos alçava para um vulto da História, Aristides Lobo. Do outro lado erguia-se um pedestal ao vizinho areense Pedro Américo, tudo sob a alta proteção das árvores. Um sítio inteiro de heróis.

Embora esses heróis não me fossem estranhos, pois sempre douraram meu boletim escolar, pressenti-me desterrado. A carta de Oscar parecia o meu grande trunfo, mas não rendeu o mínimo interesse, nem uma pergunta que me desse identificação.

Faltava-me presença? Desde cedo fui sempre desconfiado com a

minha cara matuta, baça de cor e de expressão. Na feira de Campina, desvencilhado um instante da prima Laura, perguntaram-me pelo balaio: “Você não tem balaio? Como vem pegar frete sem balaio?”. Era a minha cara sem pescoço, de menino besta.

Ali embaixo, sob a portada vetusta do prédio, era só de que me lembrava.

Felizmente, dei com um banco que um oitizeiro da praça oferecia. Não há amparo mais universal e fiel que o da árvore. Elas não mudam de lugar, mas, também, não mudam de caráter. Estão sempre no mesmo endereço, firmes, até o dia em que lhes retribuímos com a serra ou o machado.

Mas aqui a história é de Pedro e não minha.

A ASCENSÃO

Cinco ou seis anos depois, credenciado pelo jornal, fui encontrá-lo pontual, determinado, na tribuna da Assembléia. Ele no Partido Social Democrático, o partido de Rui, fazendo oposição ao governo udenista de Flávio Ribeiro, do qual saíra vice no acordo articulado na saída de José Américo.

Eleito, em 1950, numa campanha histórica contra a UDN, José Américo sonhara em pacificar a família política da Paraíba. Ofereceria essa lição única na nossa história republicana. Não deu dois anos, os partidos voltavam às suas antigas intrigas e vinditas.

Da bancada da imprensa, como repórter de A União, começo a acompanhar a desenvoltura de Pedro, no ataque.

Revezava com Barreto Sobrinho, com Gayoso, com Sílvio Porto, enquanto o governo era defendido por Isaias Silva e, já nos meses finais, próximo à licença de Flávio Ribeiro, por José Rolim

Guimarães, suplente de aparição meteórica, porém marcante.

DE COMO PENDI PARA FLÁVIO

Na resenha para A União, eu achava que devia ser fiel aos debates. Guiava-me pela Voz do Brasil que, mesmo resumida, dava cobertura a todas as vozes, fosse discurso de Lacerda (UDN) ou de Vieira de Melo (PSD).

Um dia, o diretor me chama a um canto (era o dr. Sabiniano Maia, um homem só de bondade) e avisa que o governador Flávio queria conhecer-me. Combinou que iríamos ao Palácio na manhã seguinte. E eis-me diante daquele homem grande, largo de queixo, senhor de todos os poderes: “Mande chamar o senhor (foi como me tratou) para felicitá-lo pela resenha da Assembléia. Um belo trabalho. Mas me permita uma sugestão: anote tudo, faça a apanha de todos os discursos e apartes, sejam governistas ou da oposição, mas, na publicação, dê preferência aos nossos correligionários. A palavra da oposição o senhor deixe para mais adiante. Não precisa tanta pressa”.

Como eu não contivesse o riso, ele riu também e me perguntou: “Algum problema?” Respondi que não, é óbvio, mas raciocinando: se a Oposição, Pedro à frente, nunca notara a isenção do meu trabalho, certamente não iria notar o vazio que o governador sugeria.

E fiquei pesaroso, logo depois, com a saída do rico senhor de usinas, de bancos e da política que me deixava problemas na hipótese em que eu tivesse de entrar em palácio, como sonhava, à retaguarda dos soldados vermelhos da minha Revolução.

Isso foi no dia da Imprensa, 10 de setembro, faltando pouco mais de quatro meses para Flávio licenciar-se e Pedro assumir o governo.

QUEM É O HOMEM?!

Dois anos depois, a UDN de Flávio Ribeiro, coordenada por João Agripino, se une a Pedro para derrotar o partido de Rui numa das eleições de maior participação popular já assumidas pela Paraíba. A zona de explosão era o Ponto de Cem Reis, um fósforo riscava um incêndio.

Gritaram de um beco: “Qual é o homem?” Responderam de outro: “O homem é Pedro”. No outro dia perguntaram “Está com medo?” e responderam, imediato, “Estou com Pedro”. A gritaria se espalhando, tomando conta do Estado. As pessoas conservadoras achando que era molecagem.

De repente lá vem a rua em passeata, coisa estranha à apática João Pessoa, acostumada a só vibrar com os discursos de Alcides e de Zé Américo, agora correndo para o Ponto de Cem Reis sob a ramaria das árvores colhida no caminho. Tudo de baixo para cima.

Doutor João Santa Cruz, já desembargador, falando trepado na janela que olhava para a 1817: “Gente assim eu só vi em 45, o povo descendo para ouvir Prestes na Lagoa. Quanto mais os sinos tocavam para afugentar, mais crescia a torrente popular”.

A União, jornal do governo, acenando o “queremismo” das janelas. O governo de José Fernandes por conta, a folha de pessoal aberta para o corte: - Este é quemista? - perguntava a João Bernardo. / - É, este é quemista. / - Mas trabalha? / Ah, lá isso trabalha. / - Então deixe. E assim a folha toda, as mesmas perguntas, as mesmas respostas. O sisudo senso de justiça de Zé Fernandes impedindo ele mesmo, o político, de demitir quem trabalhava.

RENOVAÇÃO DE QUADROS

O governo de Pedro foi uma renovação de quadros. Desde os anos 1940 os quadros se revezavam com os mesmos nomes. A UDN com os dela, o PSD idem. Agora o mais velho do time entrou para ser o guardião do dinheiro, o general Edson Ramalho. Um dos mais novos, José Carlos de Freitas, sinalizava a representação técnica que passou a dominar os setores estratégicos da economia, da educação e da saúde. Na maioria, nomes que não se apagaram num só período administrativo. Ainda hoje rendem, como Carlos Pereira de Carvalho, aprendiz nesse tempo.

Em abril de 1959, quando se instala o CODENO, embrião da SUDENE, a Paraíba já se achava preparada para ingressar na “fantástica missão de transformar o Nordeste”, como sonhava Celso Furtado. A administração foi reestruturada, os órgãos mais encarecidos pela “economia dinâmica” ganharam mais flexibilidade, como os setores de energia, de abastecimento de água, de estradas, de crédito e de fomento aos projetos industriais orientado pelo Conselho Estadual de Desenvolvimento, concebido e tocado por Ronald Queiroz Fernandes, um dos primeiros advogados a ingressar e se especializar em estudos econômicos. Logo integrado ao pensamento de Celso Furtado. A Paraíba ofereceu um dos primeiros modelos de distrito industrial, só precedida de Recife, sede da SUDENE.

A intervenção do governo de Pedro na urbanização de João Pessoa não ficou longe de outros bons exemplos. Com recursos próprios, pois não existia o BNH, foi do núcleo residencial a verdadeiras cidades, como a Cidade dos Funcionários, o Conjunto Pedro Gondim, conjuntos e mais conjuntos. Tratou a agricultura como se estivesse a cobrar serviço no seu tempo de deputado. O sistema de classificação de produtos como a agave converteu a Paraíba num dos maiores exportadores do Nordeste. Seu governo atraiu e prestigiou a extensão rural com presença em todas as regiões. Favoreceu um dos surtos que se inscreve na história cultural da Paraíba com destaque para a literatura, o

cinema, o teatro. As bibliotecas saíam andando, ambulantes. Terminou poeta, com elogio da crítica literária liderada por Virgínius da Gama e Melo.

Mas o homem, a figura humana com virtudes e defeitos, foi maior do que tudo isto.

Estávamos amuados com a vassourada na A União e na Tabajara, Adalberto Barreto e Hélio Zenaide trocados por radicais da direita, isto em 1962, quando, dois anos depois, ele foi surpreender-me como interno no Hospital Clementino Fraga. A doença me dera esse asilo e essa reconciliação, sarando com uma amizade que ainda perdura.

O 1º DE MAIO

Vale recordar: durante dez anos, de 1958 até 68, não se sabia das duas qual a maior festa - se a do dia universal do Trabalho ou se a do dia particular de Pedro Gondim. A festa era menos de Pedro do que da maior legião de amigos que um homem de província já reuniu em torno de si.

Os que nasceram naquela fase, hoje adultos, não de perguntar, naturalmente, as razões dessa dupla comemoração. O que tinha o 1º de maio de Pedro para se confundir com o do trabalhador?!

Ninguém explica. Pedro não era nem nunca foi operário, não vivia em intimidade com operários, bebendo e comendo à mesma mesa, e nem sequer pertencia ao partido de fantasia do operariado, o PTB. Mas no dia do Trabalho, a primeira a descer do Varjão, de Oitizeiro, de Cruz das Armas e a subir da Ilha, do Baixo Róger, de Mandacaru era a pobreza operária. Ao chegar a Pedro, fosse em Palácio ou em sua casa, lá já encontrava em festa a mais variada burguesia, desde a usineira, industrial e comercial como a burguesia hipotecada à Caixa para construir suas mansões no Barro dos Estados.

Havia também o trabalhador engravatado, o do serviço público, que via em Pedro um filho de funcionário e o pai de todos eles. A Oposição daquele tempo, que media forças contra o governo, taxava tudo isso de demagogia. Mas não era demagogia - Pedro fazia mesmo, pisava firme no chão das obras como pisou no dia da posse, a passada repercutindo mais que o protagonista com o seu entorno de figurantes, ao passar em revista as tropas. Recorram à foto, reparem na firmeza de Pedro!

Se não podia deter a inflação, ajudava os funcionários a acompanhá-la. Do jeito que pisava forte na pavimentação da Capital, tirando da poeira as vias centrais de Cruz das Armas, Jaguaribe, Torre e Róger, no mesmo passo e com a mesma força chegou água e insumos nas lavouras de sustentação. Água de muitos tanques e pequenos açudes.

Nesse tempo a agave, o algodão e as plantas de subsistência ainda mantinham o homem no campo. A secretaria de Agricultura, com o Departamento da Produção, a Extensão Rural, as cooperativas, a classificação de produtos exportáveis eram os carros-chefes do esforço governamental.

Até então, o Estado era um patrão imune às leis trabalhistas. Recolhia a taxa previdenciária do funcionário, mas não pagava a sua. Então, Pedro obrigou o Estado a entrar com essa contraparte, tal como o patrão regido pela lei da Previdência. Por conta disso, sem contar com o BNH, que ainda não existia, construiu a Cidade dos Funcionários, o conjunto anexo ao Bairro dos Estados, que terminou com seu nome, e outros núcleos residenciais entre Torre, Expedicionário e Cruz do Peixe. A casa, a mais apertada, como as que foram construídas às bordas de Cruz do Peixe e do Jardim 13 de maio, acomoda condignamente uma família de cinco ou mais pessoas.

Que tinha Pedro de mais para tanto público, tanta simpatia ou carisma, palavra tão explorada hoje? Não era, que me lembre, de dar tempo integral e exclusivo ao cultivo da popularidade. Entrara na política com Rui Carneiro, estimulado pelos Duartes de Serraria, mas o populismo de Rui não fazia o seu modelo.

Distinguiu-se pela intrepidez do advogado, firme e eloqüente, e, sobretudo, solidário. Esse traço solidário era a sua espinha dorsal. Solidário em tudo o que fazia, independente de planos e programas.

NÃO DEVÍAMOS TER SAÍDO

Quando foi ao sanatório visitar o conterrâneo descartado na recomposição do seu governo com a Várzea reacionária, surpreendeu-me pelo gesto e pela quebra de disciplina de todas as enfermarias. Deu-me a mão, coisa que a profilaxia proibia, e conseguiu que se lançassem sobre si as mãos de todos os internos que acompanhavam, à distância, a importante visita. Foi inútil a intervenção de médicos e auxiliares.

Eles não estão “negativados” - alarmavam médicos e enfermeiras, alertando para o contágio.

- Não tem problema - foi a sua reação de muita saúde e fortaleza de espírito.

Veio morrer quarenta anos depois, menos de doença do que de arrasadora solidão. Sentia inconformado que a terra que ele pisara sempre firme, decidido, com ou sem tropa formada, já começava iminentemente a fugir-lhe.

Ouvimos chamar por nós, por mim e pelo fiel e grande amigo Antonio de Melo, quando deixávamos o seu quarto de enfermo na última vez que fui vê-lo. Já íamos a alguns passos do quarto, atravessando a sala, sem deixar de ouvir aqueles gritos que ainda não cessaram, chamando aos brados pelos nossos nomes.

Brados estertorantes da mais sofrida solidão: Antôoonio! Luiiiiiz! Antônio! Luiz!

Não devíamos ter saído, não devíamos.



CARREIRA POLÍTICA





Pedro Gondim na Câmara Municipal de João Pessoa.



Posse no Palácio da Redenção.



Inauguração do Comitê Central Pedro Gondim.



Pedro Gondim na Praça do Trabalho - João Pessoa.



Evento em Campina Grande, acompanhado do deputado Vital do Rêgo e o industrial Fleury Soares.



Na sacada do Palácio quando da visita do Presidente Jânio Quadros à Paraíba.



No dia da posse como Governador, em substituição ao Gov. Flávio Ribeiro Coutinho.



Comício na Campanha de 1960.

Gov. Pedro Gondim e o Secretário de Viação e Obras Públicas, Robson Duarte Espínola e o Prof. Lynaldo Cavalcanti.



No Palácio da Redenção em companhia de Waldir dos Santos Lima, Hamilton Gondim e Divaldo Almeida.



Passando em revista as tropas.



Dia da posse na Assembléia Legislativa.



Gov. Pedro Gondim.



Pedro Gondim e o Embaixador Josué de Castro, Juracy Magalhães e Dr. Oscar Visgueiro.



Visita do Presidente Jânio Quadros à Paraíba.



Traslado dos restos mortais do Presidente Epitácio Pessoa, do Rio de Janeiro para a Paraíba. Presentes o Deputado Bilac Pinto, Presidente da Câmara dos Deputados, o Deputado Ernany Sátiro, Presidente da UDN, o Senador João Agripino e o Governador de Sergipe Francisco Franco.



Evento em Campina Grande, com a presença de Veneziano Vital do Rêgo e do Prefeito Severino Cabral.



Em Campina Grande, com o Prefeito Severino Cabral.



Pedro Gondim assina convênio na presença de Vital do Rêgo.



Visita do Governador Carlos Lacerda à João Pessoa. Presentes: Padre Hildon Bandeira, Tenente Júnior, Padre Joaquim Simões, Monsenhor Pedro Anísio, Nelson Coelho e Carlos Romero.



Manifestação das Classes Produtoras ao Governador Pedro Gondim.



Governador Pedro Gondim discursa na presença do Presidente Jânio Quadros.



Aniversário de Manoel Miranda, com a presença do Governador Pedro Gondim, Senador João Agripino e auxiliares da Casa Civil.



Posse do Governador Flávio Ribeiro Coutinho e do Vice-governador Pedro Gondim.



Pedro Gondim.



Pedro Gondim.



Governador Pedro Gondim e auxiliares do governo: Prof. Edigardo Soares, Cap. Newton Leite, Cap. Lima Júnior, Dr. Carmelo Santos Coelho, Manoel Miranda, Luis de Marillac, Afrânio Melo e Nelson Coelho.



Gov. Pedro Gondim e sua
filha Rosa de Fátima.



Assembléia Legislativa, com a presença
do Dep. Ramires Fernandes.



Governador Pedro Gondim e Ernany Sátiro.



Em Serraria, comemorando seu retorno à Assembléia.



Assinando documento como Governador.



Em Serraria, recepcionado pela população.



Em conversa com o Ministro Abelardo Jurema e o jornalista Heitor Falcão.



O Deputado Pedro Gondim, sua esposa Ozanete Gondim e líderes políticos de Serraria.



Comício em João Pessoa.



Na casa de Drault Ernanny, com o Senador Rui Carneiro e outros companheiros do partido.



Pedro Gondim e amigos.





No Lyceu Paraibano, com a Diretora, Professora Daura Santiago.



Posse, no Tribunal Regional Eleitoral, do Governador Pedro Gondim e seu vice, André Zabilo Gadelha.



Passeata durante a campanha de 1960.



UMA LIDERANÇA POPULAR

Por Hélio Nóbrega Zenaide

João Pessoa, 2001



DE ADVOGADO A POLÍTICO

Nascido a 1º de maio de 1914, no Engenho Capim-Açu, município de Alagoa Nova, antigo aldeamento dos Bultrins, da nação Cariri, filho de Inácio Evaristo da Costa Gondim e Eulina Moreno Gondim, Pedro Moreno Gondim fez o curso primário em sua terra natal com os professores Santo Sobral e Clodomiro Leal, este último, grande mestre-escola à antiga, temido pelo peso de sua palmatória.

Grave crise abateu-se sobre a agroindústria canavieira e Inácio Evaristo da Costa Gondim viu-se obrigado a hipotecar o engenho para obter um empréstimo. A crise, porém, prolongou-se mais do que ele esperava e, impossibilitado de liquidar o débito, honrou o compromisso entregando o engenho ao credor.

Amigos de influência política vieram em seu socorro, conseguindo sua nomeação para coletor federal de Alagoa Nova, de onde, logo depois, foi transferido para a coletoria federal de Areia.

Com isso, embora com sacrifício, os pais resolveram mandá-lo estudar na capital, matriculando-o no Liceu Paraibano.

Queria estudar direito no Recife, mas, a família não tinha condições de mantê-lo na capital pernambucana.

Sabendo da situação, dois amigos resolveram ajudá-lo. Sem nada dizer-lhe, fizeram sua matrícula na Faculdade de Direito de Recife.

Esses bons samaritanos foram Hélio Pessoa de Oliveira (irmão de Hermes Pessoa de Oliveira) e Abel Ventura, seus amigos e colegas de colégio.

- Está aqui sua matrícula, vá fazer vestibular na Faculdade de Direito de Recife - disse-lhe Hélio Pessoa de Oliveira.

Tomou o ônibus para Recife e a primeira providência foi arranjar um emprego para manter-se e poder estudar. Conseguiu o cargo de bedel no Colégio Carneiro Leão: estava salva a pátria.

Formou-se em 1938 e foram seus colegas de turma os paraibanos José Jófily, Osmar de Aquino, José Fernandes de Lima, Aguinaldo Veloso Freire, Clóvis Cavalcante Procópio, Danilo Souto Maior Rosas, Guilherme Nicodemi, Ivaldo Falconi de Melo, João Fulgêncio Carneiro Monteiro, Luís Pinto Ferreira, Renato Evaristo da Cruz Gouveia, Urbano Guedes Gondim e Valdemar de Alencar Carvalho Luna.

Antes mesmo de concluir o curso de bacharel em ciências e letras jurídicas, já advogava, não apenas para adquirir prática mas para sobreviver no Recife.

Graças a isso, quando recebeu o diploma e colocou o anel no dedo, já era um advogado preparado para o exercício da profissão.

Tinha vocação para a profissão e começou a advogar na região do brejo. Do dia para a noite, era um dos maiores advogados daquela região, em Alagoa Nova, Areia, Esperança, Alagoa Grande, Serraria, Pilões, Bananeiras, Guarabira.

Quando da redemocratização de 1945, na reorganização dos partidos políticos, Rui Carneiro, ao fundar o Partido Social Democrático - PSD - na Paraíba, convidou Pedro Moreno Gondim para a agremiação. Seu nome já ganhara muita projeção no brejo e Rui Carneiro queria vê-lo como líder político e candidato a deputado por aquela região.

A 16 de junho de 1945 ele comparecia à Convenção Estadual do PSD, na capital, como presidente do Diretório Municipal do partido em Serraria.

Compunham com ele o Diretório Ozéias Guedes Pereira, Antônio Cavalcante de Carvalho, Misael Mendes da Silva, Fenelon de

Lima Wanderley, Francisco de Assis Pereira de Melo, Severino Cavalcante de Azevedo, José Delfino de Carvalho e João Lemos Vasconcelos.

A Convenção homologou a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra à presidência da República e o advogado Pedro Moreno Gondim foi um dos oradores da solenidade.

Que iria dizer na tribuna aquele jovem advogado do brejo? Seu discurso causou grande impacto nas hostes conservadoras do PSD. Começou dizendo que o PSD devia assumir o compromisso de promover reformas urgentes e profundas no País. Ora, o que o PSD queria mesmo era conquistar o poder e usufruir os seus benefícios. Que conversa era essa de reformas urgentes e profundas?

Mas era o que o advogado brejeiro estava dizendo:

“O Brasil precisa de urgente e profunda reestruturação política, econômica e social.”

E gritou bem alto:

“Fazer política não é brigar por cargos e vantagens pessoais e é isso o que vem desmoralizando a política brasileira!”

Numa Convenção do PSD, tal discurso chegava a ser um escândalo.

Estava entrando sangue novo no PSD da Paraíba.

Nas eleições presidenciais de 3 de outubro de 1945, o PSD venceu a União Democrática Nacional - UDN - elegendo o general Eurico Gaspar Dutra. Mas na Paraíba o general Dutra perdeu para o brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da UDN (Dutra, 61.090 votos, Eduardo Gomes 76.110 votos).

Para senador, a UDN paraibana elegeu Adalberto Ribeiro e Wergniaud Wanderley, contra os candidatos do PSD, José Pereira

Lira e Antônio Galdino Guedes.

Nas eleições de 19 de novembro de 1946, Alcides Carneiro, candidato a governador pelo PSD, perdeu para o candidato da União Democrática Nacional, que era Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Melo (Alcides, 69.683 votos; Oswaldo Trigueiro, 80.373 votos).

Candidato único, José Américo de Almeida foi eleito senador.

Pedro Moreno Gondim foi eleito deputado estadual. Em Serraria, onde era chefe do PSD, obteve 80% da votação do município! A 5 de março de 1947 a Assembléia Legislativa da Paraíba era instalada e dava posse ao governador Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Melo.

A primeira tarefa da Assembléia seria elaborar a nova Constituição do Estado. E o deputado Pedro Moreno Gondim, de saída, foi escolhido para presidente da Comissão Constitucional, encarregada de preparar um esboço da nova Constituição, bem como de organizar a Secretaria da Assembléia, a sua estrutura administrativa e o seu quadro de pessoal.

COLIGAÇÃO DEMOCRÁTICA PARAIBANA

Atuante e combativo, o deputado Pedro Moreno Gondim, na Assembléia Legislativa, lembrando a oratória forense dos tribunais do júri do brejo, fez de réu o governo udenista de Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Melo e tornou-se uma das vozes mais contundentes da oposição.

Firmou-se, por outro lado, como um dos mais ardorosos defensores dos produtores paraibanos. A cada instante, ocupava a tribuna da Assembléia em defesa dos produtores de algodão e de sisal, bem como dos pecuaristas, ficando conhecido como o “deputado ruralista”, com o que a sua liderança ganhou

dimensão estadual. Já não era mais apenas representante do brejo.

Era igualmente uma voz importante da política municipalista na Paraíba.

Essa liderança levou-o a ser vice-presidente da Federação das Associações Rurais do Estado da Paraíba - FAREPA - e presidente da Associação Paraibana dos Municípios.

E como, dentro do governismo, evidenciava-se crescente conflito interno entre o argemirismo e o americismo, isto é, entre os udenistas liderados por Argemiro de Figueiredo e os udenistas liderados por José Américo de Almeida, o deputado Pedro Moreno Gondim atirava mais lenha na fogueira, instigando a divisão da UDN, ajudando, dessa maneira, o surgimento da Coligação Democrática Paraibana, formada pelo PSD e a dissidência udeno-americista.

O candidato da UDN à sucessão do governador Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Melo era Argemiro de Figueiredo; contra Argemiro, a Coligação Democrática Paraibana lançou a candidatura de José Américo de Almeida.

Pela primeira vez, na sua vida política, Pedro Moreno Gondim advogava uma aliança do PSD com uma dissidência da UDN. Mais tarde, haveria uma segunda vez.

A Coligação Democrática Paraibana lançou a chapa José Américo de Almeida-João Fernandes de Lima para governador e vice-governador, e Rui Carneiro, para senador;

Formaram ainda a Coligação o PSB, o PTB e o PSP.

A Aliança Republicana - UDN-PR - lançou a chapa Argemiro de Figueiredo-Renato Ribeiro Coutinho, e José Pereira Lira, Chefe da Casa Civil do presidente Eurico Gaspar Dutra, para senador.

Resultado das eleições de 3 de outubro de 1950:

Para Governador

José Américo de Almeida - 147.093

Argemiro de Figueiredo - 111.152

Diferença - 36.911

Para Senador

Ruy Carneiro - 144.451

José Pereira Lira - 109.272

Diferença - 35.179

Getúlio Vargas, candidato a presidente da República, veio à Paraíba e apoiou a candidatura de José Américo de Almeida.

Resultado da eleição para presidente da República na Paraíba:

Getúlio Vargas - 125.467

Eduardo Gomes - 108.831

Diferença - 16.636

SECRETÁRIO DA AGRICULTURA DE JOSÉ AMÉRICO

Dada a sua indiscutível liderança nos meios rurais, o governador José Américo de Almeida, ao assumir o cargo em 31 de janeiro de 1951, nomeou-o secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas.

Não demorou muito, porém, naquela pasta, fazendo ver ao governador que preferia ficar na Assembléia.

O governador José Américo de Almeida substituiu-o, então, pelo deputado José Fernandes de Lima, amigo, correligionário e colega de turma de Pedro Moreno Gondim na Faculdade de Direito de Recife.

PEDRO É ELEITO VICE-GOVERNADOR

José Américo de Almeida governou a Paraíba de 31 de janeiro de 1951 a 16 de junho de 1953, enfrentando terrível flagelo de seca. Nesta data foi convocado pelo presidente Getúlio Vargas para ocupar, pela segunda vez, o cargo de ministro da Viação e Obras Públicas

A 16 de julho transmitiu o cargo ao vice-governador João Fernandes de Lima, que governou até o dia 26 de setembro de 1954, quando José Américo de Almeida, diante do suicídio do presidente Getúlio Vargas, no dia 24 de agosto, voltou ao exercício do cargo.

Os meios políticos paraibanos começaram a movimentar-se com vistas à sucessão do governador José Américo de Almeida.

Historiou Sabiniano Maia:

“Estávamos em 1955 e o mundo político paraibano se agitava procurando um sucessor para o governador José Américo de Almeida, que vencia o seu derradeiro ano de governo. José Américo propugnava por um entendimento entre os diversos partidos, em torno de um candidato único, facilitando, assim, num ambiente de paz, a continuidade de sua administração.”

“No encontro de Tibirí, em janeiro de 1955, discutiu-se a possibilidade da candidatura de Wergniaud Wanderley, Em março, o deputado federal João Agripino Filho dizia que as conversações estavam na estaca zero. Em julho, o senador Rui Carneiro tocava o búzio anunciando: - Não aceitaram a paz, agora vamos ouvir as trombetas da guerra.

Nada obstante, sucediam-se as reuniões partidárias. Na dificuldade de um acordo em torno de um candidato único, iam surgindo os próprios de cada fecção: Wergniaud Wanderley, pelo Partido Social Democrático (PSD); João Agripino Filho, pelo

Partido Republicano (PR); marechal José Pessoa, pelo Partido Democrático Cristão (PDC); Virgínio Veloso Borges, pelo Partido Libertador (PL).” (“Flávio Ribeiro Coutinho, história de uma vida e de uma época”, A União Companhia Editora, 1977, pgs. 121/122).

Por fim, sugerindo a UDN o nome do industrial Flávio Ribeiro Coutinho, seu presidente, a sugestão foi acolhida, cabendo o vice-governador ao PSD.

O candidato escolhido foi o deputado Pedro Moreno Gondim. A 31 de janeiro de 1956 tomavam posse o governador Flávio Ribeiro Coutinho e o vice-governador Pedro Moreno Gondim.

O SUBSTITUTO SONHA EM SER SUCESSOR

No novo governo não ia bem o “casamento” da UDN com o PSD e, em consequência, eram mínimas as chances do governador udenista dar vez ao vice-governador pessedista. Mas aconteceu que na manhã do dia 5 de dezembro de 1957, o governador Flávio Ribeiro Coutinho foi acometido de uma trombose cerebral e o vice-governador, como era natural, preparou-se para assumir o governo.

Somente 23 dias depois, no entanto, no dia 28 de dezembro, a família decidiu levar o governador para o Rio de Janeiro, providenciando o necessário pedido de licença à Assembléia. Concedida a licença, Pedro Moreno Gondim recebeu este ofício:

“João Pessoa, 4 de janeiro de 1958.

Senhor Vice-Governador

Por meio deste, estou transmitindo a Vossa Excelência o cargo de Governador do Estado da Paraíba.

Utilizo-me, assim, da autorização constante da Resolução nº

169, da Assembléia Legislativa, que me concedeu licença, para utilização continuada ou parcelada, a fim de que possa ausentarme do Estado por tempo superior a trinta dias.

Aproveito o ensejo para renovar a Vossa Excelência os protestos de alta estima e consideração.

Flávio Ribeiro Coutinho - Governador.”

O andamento do estado de saúde do governador indicava ser muito improvável que voltasse ao exercício do cargo. Ver o poder fugir assim das suas mãos, era motivo de verdadeiro desespero para a UDN. Mas para o PSD, apeado do poder desde 1945, era a realização do seu maior sonho. E com um pessedista no governo, o PSD foi logo pensando em escolher um candidato à sucessão do governador Flávio Ribeiro Coutinho, naturalmente o senador Rui Carneiro...

Jamais passaria pela cabeça do PSD que o vice-governador Pedro Moreno Gondim pudesse sequer imaginar a possibilidade de ser candidato contra a vontade do senador Rui Carneiro, chefe indiscutível e candidato natural do partido.

Quem queria porque queria, porém, ser candidato do PSD, não era o senador Rui Carneiro, e sim seu irmão, deputado Janduhy Carneiro.

O vice-governador em exercício vinha dando grande impulso à administração, revelando indiscutível capacidade realizadora.

Entregava-se a intenso ritmo de trabalho, levando obras e serviços a todas as regiões do Estado. E conquistou, de logo, a confiança do funcionalismo público estadual, com o reajuste dos seus vencimentos. Por toda parte, seu nome crescia na confiança popular.

Ele não queria apenas ser eventual substituto do governador Flávio Ribeiro Coutinho, queria ser seu sucessor.

Eu dirigia o setor de comunicação no Palácio do Governo e me entreguei de corpo e alma à realização desse sonho. Concentrei todo o meu esforço na construção da sua boa imagem como administrador e como político. As inaugurações de obras e serviços se sucediam, de Cabedelo a Cajazeiras, e fazíamos intensa divulgação em A União, O Norte, Diário da Borborema e Correio da Paraíba.

Estávamos construindo o que depois foi chamado de “gondinismo”, de “queremismo”.

O DISCURSO DE POSSE FOI UM AVISO

O PSD era Rui Carneiro. Ninguém precisava pensar, ninguém precisava decidir: na hora, bastava pedir que Rui Carneiro pensasse e decidisse por todos. A lealdade ao chefe era um tabu intocável.

Mas Pedro Gondim não fazia parte desse time. Não era um Maria vai com as outras. Para ele, a lealdade não dispensava a independência, a consciência e a ética.

E, no discurso de posse, na Assembléia Legislativa, deixou muita gente do PSD de orelha em pé, quando afirmou alto e bom som:

“O homem político, sobretudo o homem político revigorado na luta, de imaginação fertilizada no acalento e perseguição do ideal, sonha mundos diferentes e se supõe na integração de espaços e comando de posições;”

A pancada do bombo ia mudar.

O PSD estava avisado.

Marcos Odilon Ribeiro Coutinho, na sua linguagem irônica e pitoresca, haveria de dizer que Pedro Gondim, ao assumir, foi

uma festa para o PSD, mas, depois da festa, virou uma ressaca...

DIGA A RUI QUE SOU CANDIDATO

Em setembro de 1959, ao regressar de uma viagem ao Rio de Janeiro, onde tratou de problemas do interesse da Paraíba com o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, foi recebido com verdadeira festa na Paraíba. Do aeroporto à cidade houve uma passeata com mais de 400 automóveis!

E ao falar à multidão, da sacada do Palácio da Redenção, declarou:

“Volto à Paraíba munido dos mesmos propósitos, tendo a me inspirar a confiança cada vez maior do povo paraibano, que não consentirá no crime de nos rendermos ao anacronismo de processos e velharias do espírito...”

O pessedismo ortodoxo, a essa altura já trabalhado para a candidatura de Janduhy Carneiro, começava a perder a paciência.

Houve uma homenagem ao deputado federal Abelardo Jurema e Pedro Gondim compareceu. Compareceu e fez discurso.

E exaltou o político Rui Carneiro - que não estava sendo festejado - por permitir, dentro do partido, a livre discussão de seus problemas e equações políticas...

“Agir diferentemente seria suprimir em cada homem que integra o partido o direito de pôr na mesa a sua própria vontade, de pôr no tablado das discussões a sua própria inteligência, de procurar discutir as questões internas do seu partido dentro daquele binômio em que se situam mérito político de uma parte e aceitação popular de outra.”

Era o confronto aberto com a ortodoxia pessedista que defendia a candidatura pouco popular de Janduhy Carneiro.

Era um grito de guerra. Era como se dissesse ao deputado federal (ortodoxo) Abelardo Jurema:

Diga a Rui que sou candidato!

NÃO É DESLEALDADE

Pedro Gondim fez questão de frisar que não cultivava nenhum sentimento de deslealdade. Não estava sendo desleal com o seu partido.

E explicou:

“O PSD não é um partido estagnado. O problema sucessório, o mais palpitante, desperta movimentos de preferência em torno da escolha de nomes. Este fato é natural na economia interna dos partidos. Essas manifestações de preferências, lógicas e democráticas, não podem ser entendidas como deslealdade ou cisão partidária, muito menos como rebeldia à chefia.”

Quer dizer, ele esperava que a ortodoxia do PSD fosse realista e percebesse que a impopularidade da candidatura de Janduhy Carneiro levaria o partido à derrota. Só o seu nome levaria o PSD à vitória.

No íntimo, Rui Carneiro percebia tudo. Mas o irmão se mantinha intransigente e ele não tinha condições de ficar contra o irmão. Não lhe restava senão o sacrifício.

ERA UMA ÂNSIA COLETIVA

O governador Pedro Gondim viajava constantemente ao interior, inaugurando obras, instalando novos Municípios. E em cada uma dessas solenidades os oradores exaltavam suas virtudes de administrador e apontavam seu nome como uma irresistível preferência popular.

Eu acompanhava-o nessas andanças e mantinha a chama sagrada acesa nas manchetes dos jornais.

Na instalação do Município de Borborema. em 11 de setembro de 1959, por exemplo, saí com esta manchete em A UNIÃO, que era uma frase do discurso do padre Manoel Batista de Medeiros: UMA ÂNSIA COLETIVA NÃO CONHECIDA NA PROVÍNCIA PEDE AO GOVERNADOR PEDRO GONDIM QUE CONTINUE A GOVERNÁ-LA!

RODÍZIO UMA PÍLULA

Até aí o senador Rui Carneiro vinha evitando qualquer referência direta a Pedro Gondim. Não estava gostando do que Pedro Gondim vinha fazendo mas não condenava de público sua conduta. Um dia, no entanto, procurado pela imprensa, o chefe do PSD resolveu abrir o jogo e declarou aos jornalistas que o PSD não era contra o governador, apenas queria adotar um princípio de justiça, o princípio do rodízio, o critério democrático da renovação, e que o nome mais em evidência era o do deputado Janduhy Carneiro...

A resposta do governador foi imediata:

“Não me surpreendeu que o eminente senador Rui Carneiro, preclaro chefe do Partido Social Democrático, na Paraíba, tenha afirmado que o nome mais em evidência para concorrer ao pleito de 1960 é o do seu irmão, deputado Janduhy Carneiro. Acontece, no entanto, que, apesar do senador Rui

Carneiro tecer as mais lisonjeiras referências à minha conduta de correligionário e administrador, opôs, como único argumento capaz de afastar o meu nome do debate da sucessão estadual, a prevalência do critério de rodízio, que, a meu ver, é justo e democrático. Esse critério, porém, rebuscando-se a história de nossa agremiação, não vai encontrar analogia em decisões anteriores. Basta lembrar, sem maiores indagações, o exemplo verificado na Assembléia Legislativa, quando por quatro vezes seguida o ilustre deputado Ramiro Fernandes, que aliás possui os títulos necessários, foi elevado ao alto posto de chefe daquele Poder, cujo mandato é de um ano, com o decidido apoio - e só por esse apoio - do comando pessedista.”

Pedro Gondim não disse, na ocasião, mas poderia ter dito que, depois da candidatura de Alcides Carneiro, a candidatura de Janduhy Carneiro não era bem uma “renovação”...

BOTANDO AS CARTAS NA MESA NO RIO DE JANEIRO

Pedro Gondim foi ao Rio de Janeiro e alí participou de uma reunião da cúpula pessedista na casa do deputado Drault Ernany.

A reunião era uma tentativa da cúpula pessedista no sentido de afastar da cabeça do governador Pedro Gondim a idéia de ser candidato.

Eis como ele traduziu para a imprensa o resultado do encontro:

“ Consultado sobre se a minha candidatura era definitiva e inarredável, homem de partido, fiel ao espírito público que se deve emprestar a todos os atos, respondi: não há candidaturas lançadas, entretanto, só renunciarei ao direito de candidatar-me e de disputar as eleições se outro companheiro vier a somar melhores condições de apoio partidário e segurança eleitoral para o próximo pleito.”

A essa altura, Pedro Gondim já contava com o apoio da UDN, do PL e do Partido Socialista Brasileiro, que lhe oferecia a legenda.

JANDUHY CARNEIRO ABRE A LUTA

No dia 11 de janeiro DE 1960 o deputado Janduhy Carneiro vem do Rio de Janeiro e é recebido pela ortodoxia pessedista com estrondosa recepção, passeata de automóveis e intenso foguetório.

Janduhy foi chegando e abrindo a luta nestes termos:

-Não admito continuismo nem queremismo!

APOIO DA UDN E DO PL

A 20 de janeiro chegou o novo chefe da UDN, deputado João Agripino, fazendo um apelo à Paraíba para que se unisse em torno da candidatura do governador Pedro Gondim. E o PL, dos americistas, sob o comando do industrial Virgínio Veloso Borges, reuniu-se e publicou uma nota oficial, anunciando que, em hipótese alguma, apoiaria a candidatura do deputado Janduhy Carneiro .

PSD ADIAA CONVENÇÃO

Também chegou do Rio de Janeiro o senador Rui Carneiro, para a Convenção Regional do PSD, que deveria oficializar a candidatura do deputado Janduhy Carneiro.

Mas, diante do agravamento da crise interna, o PSD decidiu adiar a Convenção.

Havia, ao mesmo tempo, um fato novo que poderia modificar o rumo dos acontecimentos. É que o estado de saúde do governador Flávio Ribeiro Coutinho se agravava e, caso viesse a falecer, Pedro Gondim, vice-governador em exercício, ficaria impedido de candidatar-se, de acordo com a lei de inelegibilidades.

A GRANDE SURPRESA: PEDRO RENUNCIA

No dia 18 de março de 1960 a Paraíba foi apanhada de surpresa com a decisão de Pedro Gondim de renunciar ao governo e transmitir o cargo ao presidente da Assembléia Legislativa, um pessedista ortodoxo, adepto da candidatura do deputado Janduhy Carneiro, deputado José Fernandes de Lima.

Chegara a notícia de que se agravava o estado de saúde do governador Flávio Ribeiro Coutinho e, morrendo o governador, o vice-governador em exercício deixaria de ser substituto para ser sucessor, titular efetivo do cargo de governador, tornando-se inelegível, nos termos da legislação vigente na época.

Absolutamente confiante no apoio popular, nas suas possibilidades de vitória, Pedro Gondim teve esse gesto de audaciosa coragem: renunciou para preservar sua condição de candidato.

O PSD parecia não acreditar no que estava acontecendo. A renúncia de Pedro era um presente caído do céu. Agora, com o poder nas mãos, Janduhy Carneiro venceria...

O governador José Fernandes de Lima não perdeu tempo: colocou o governo a serviço da candidatura da ortodoxia pessedista.

Quando viram Pedro Gondim fora do poder, na planície, muitos deputados e chefes políticos recuaram, abandonando-o. Eles pensavam que Pedro Gondim cometera um suicídio político.

EXPULSÃO DE PEDRO E VITAL DO REGO

Com o poder federal e estadual nas mãos, o PSD ganhou novo ânimo e, na madrugada do dia 29 para 30 de abril reuniu-se e expulsou Pedro Gondim e o deputado Vital do Rego.

Pensava a ortodoxia pessedista que, com isso, estava dando o tiro de misericórdia na candidatura de Pedro. Não imaginava que a Paraíba pudesse ficar com a vítima...

UMA RESPOSTA QUE ELETRIZOU A PARAÍBA

Com um simples telegrama que dirigiu ao senador Ruy Carneiro, Pedro Gondim eletrizou a Paraíba, arrastando-a, definitivamente, para a sua candidatura:

“João Pessoa, 30 - Senador Ruy Carneiro
Prefiro ser expulso por rebeldia a ser condecorado por subser-
viência. Só não poderão devolver-me é o meu grande trabalho já
incorporado ao patrimônio do partido e à vitória de V. Exa. Sou
expulso porque não aceitei a candidatura do seu irmão. E qual a
sentença que se imporá ao povo paraibano, por derrotá-la nas
urnas de 3 de outubro? Ass) Pedro Gondim.”

O POVO LEVA TUDO E TODOS DE VENCIDA

Daí por diante ninguém mais haveria de segurar o povo. A popularidade de Pedro Gondim subiu vertiginosamente. Andava de boca em boca a frase galvanizadora do espírito rebelde do povo paraibano: “Prefiro ser expulso por rebeldia a ser condecorado por subserviência...”

O presidente Juscelino Kubitschek, que desfrutava de grande prestígio popular, apoiou Janduhy Carneiro. O governador José Fernandes de Lima apoiou Janduhy Carneiro. A maioria dos prefeitos municipais apoiou Janduhy Carneiro. As grandes

empresas construtoras, que realizavam as grandes obras federais no Estado, apoiaram Janduhy Carneiro. Mas nada disso foi capaz de salvar a candidatura de Janduhy Carneiro. O povo levou tudo e todos de vencida.

TÁ COM MEDO? NÃO, TÔ COM PEDRO!

Começaram a surgir os primeiros atos de perseguição política, por parte do governo. Funcionários demitidos, funcionários removidos...

Não se sabe como, de repente ganhou as ruas esta forma de saudação e de identificação:

- Tá com medo?
- Não, tô com Pedro!

A coisa pegou e, de Cabedelo a Cajazeiras, era só o que se ouvia:

- Tá com medo?
- Não, tô com Pedro!

E muitos comiam o “r”:

- Não, tô com Pedro!

ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

No dia 13 de maio - Dia da Abolição da Escravatura - o Partido Socialista Brasileiro homologou a candidatura de Pedro Gondim a governador.

No dia 21, a Convenção da UDN oficializou também seu apoio a Pedro Gondim. E o PL.

ZABILO GADELHA, O VICE

Para vice-governador, foi escolhido o industrial André Avelino de Paiva Gadelha, popularmente conhecido por Zabilo Gadelha, lá de Sousa.

Zabilo Gadelha era o rei do algodão no sertão. Ele e o irmão, José de Paiva Gadelha.

Pedro Gondim não tinha dinheiro. Mas Zabilo Gadelha tinha. E dinheiro limpo, dinheiro bom, de algodão. Não era dinheiro de obras públicas federais.

Também isso deu certo.

IMPUGNAÇÃO DO PSD

Em verdadeiro desespero, o PSD entrou com um pedido de impugnação da candidatura de Pedro Gondim no TRE.

O pedido foi formulado por Paulo Bezerril e Osias Gomes.

A Justiça Eleitoral “esmagou” o recurso.

Era assim: tudo, na campanha de Pedro, dava certo. E do lado de lá, ocorria o contrário: tudo dava errado.

VITÓRIA ESMAGADORA

O clima popular era uma evidência indiscutível da vitória de Pedro Gondim e de Jânio Quadros, na Paraíba. Só a ortodoxia pessedista parecia cega e não reconhecia essa evidência.

Quando abriram as urnas, a Paraíba explodiu de entusiasmo:

Pedro Gondim.....	149.260 votos
Janduhy Carneiro.....	123.772 votos
Majoria de Pedro.....	25.488 votos

O presidente Jânio Quadros venceu o marechal Lott por 36.859 votos!

PEDRO, O ADMINISTRADOR

No começo de 1959 o governador Pedro Gondim fora convocado pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira para a Conferência dos Governadores do Norte e Nordeste, encarecendo que fossem levados para o encontro planos e programas de governo.

Considerando as condições objetivas do processo econômico da Paraíba, o governador Pedro Gondim reuniu as nossas lideranças da indústria, do comércio e da agricultura, além de sua assessoria técnica e de planejamento, para elaborar um Programa Mínimo de Recuperação Econômica a ser executado pelo seu governo, desde que pudesse contar com o apoio do governo federal.

O programa deveria contar com recursos das seguintes fontes: disponibilidades das agências federais de investimento e financiamento; poupanças fiscais do Estado e do setor privado.

Foram estabelecidas as seguintes metas:

1) Incremento agroindustrial da área-eixo da produção paraibana, representada pelos municípios das Zonas do Litoral, Brejo, Baixo Cariri, resistentes às secas e polarizados pelos mercados consumidores de João Pessoa e Campina Grande;

2) colonização da área à jusante das barragens de Coremas e Mãe d'Água, no Vale do Piancó;

3) aproveitamento dos vales dos rios Espinharas e do Peixe, para aumento e racionalização do cultivo do algodoeiro mocó;

4) implantação de indústrias novas para o aproveitamento de matérias-primas vegetais e minerais, e reaparelhamento do parque industrial da Paraíba, sobretudo do setor têxtil-algodoeiro;

5) pavimentação das estradas de ligação das áreas a serem desenvolvidas, de acordo com o programa, e prolongamento da ferrovia Bananeiras-Picuí, até fazer conexão com o trecho Angicos (RN) - Patos (Pb), interligando a Província Mineralógica e a Zona do Algodão Mocó;

6) constituição de companhias financeiras de desenvolvimento econômico, com capitais mistos, especializadas nos setores de exportação e importação e na prestação de serviços básicos como eletricidade, saneamento, comunicações, etc;

7) preparo e aperfeiçoamento de pessoal técnico especializado de alto nível, em colaboração com a Universidade da Paraíba; de nível médio, com a implantação do ensino industrial; e de nível elementar, reforçando-se o ensino normal e implantando-se uma rede de unidades educacionais.

A exposição do governador obtivera a melhor repercussão e o presidente Juscelino Kubitschek felicitara-o até com entusiasmo. Pedro Gondim marcara esse ponto na Conferência dos Governadores do Nordeste e, provou depois que era capaz de pôr o discurso em prática.

Já na primeira administração estruturou o Conselho Estadual de Desenvolvimento, com a Comissão de Planejamento Projetos e o Fundo Agrícola Industrial - FAGRIN - e o Banco de Fomento da

Paraíba. Impulsionara o plano de eletrificação do Cariri e do Brejo, a ampliação e modernização do sistema de comunicação telefônica, a melhoria do Porto de Cabedelo e investimentos no setor rodoviário.

O discurso municipalista do antigo deputado também passou do papel para a realidade e criou dezenas e dezenas de novos municípios em todas as regiões do Estado.

Em discurso no Piancó, o padre Manoel Otaviano, membro da Academia Paraibana de Letras, saudou-o assim:

“Não há uma só localidade no Estado onde não haja penetrado a mão benfazeja de V. Exa.”

No capítulo das finanças públicas, encontrou, em 1958, a seguinte previsão orçamentária:

Despesas autorizadas	-	729.913.646,10
Déficit previsto	-	178.574.046,10

Na execução desse orçamento, Pedro Gondim encerrou o exercício com extraordinário acervo de realizações e os seguintes resultados:

Receita realizada	-	638.056.648,80
Despesa efetuada	-	634.492.761,50
Saldo	-	3.563.887,30

Valores em cruzeiros da época.

SUA VOLTAAO GOVERNO

A 31 de janeiro de 1961, enquanto o presidente Jânio Quadros e o vice-presidente João Goulart tomavam posse em Brasília, recebendo o governo das mãos do presidente Juscelino

Kubitschek - primeira posse presidencial na Nova Capital - o governador Pedro Gondim e o vice-governador André Avelino de Paiva Gadelha tomavam posse no Palácio da Redenção (o governador José Fernandes de Lima não foi transmitir o cargo).

Saíram as primeiras nomeações de auxiliares: Finanças, general Edson Ramalho; Agricultura, Carlos Pessoa Filho; Viação e Obras Públicas, Robson Duarte Espínola; Educação, Antônio Nominando Diniz; Saúde, Natônio Padilha; Interior e Segurança Pública, Sílvio Pélico Porto; secretário do governo, Rônaldo Queiroz; secretário particular, Waldir dos Santos Lima; comandante geral da Polícia Militar, major Renato Macário de Brito; delegado de Vigilância e Costumes, Eslu Eloy; delegado de Trânsito, Luís Antônio Bandeira Lins; chefe de polícia, Francisco Maria Filho; ajudante de ordens, tenente Pedro Belmont; diretor de A UNIÃO, Hélio Nóbrega Zenaide; diretor da Rádio Tabajara, Adalberto Barreto; diretora do Departamento de Serviço Social, Jandira Pinto; diretor do Departamento da Produção, Jonas Leite Chaves; diretor do Departamento de Serviço Público, João Guimarães; diretor da Loteria do Estado da Paraíba, Antônio Melo; diretor do Departamento de Assistência ao Cooperativismo, Eurico Santiago Rangel; diretor do Departamento de Saneamento, Fernando Marinho (e depois Newton Maia); diretor do Departamento de Águas Rurais, Manoel Ângelo; diretor dos Serviços Elétricos, José Walter Vinagre; diretor do DER, José Carlos Dias de Freitas; diretor da Colônia de Readaptação Agrícola de Mangabeira, Josué da Silveira; diretor da Eletro-Carirí, general Francisco de Assis Bezerra; diretor do Departamento de Educação, Waldo Lima do Vale; Procurador Geral do Estado, Edigardo Ferreira Soares; Procurador Fiscal do Estado, Homero Leal; presidente do Montepio, Carlos Montenegro Guerra.

DISSIDÊNCIA E FRENTE RENOVADORA

Tendo rompido com o PSD, do qual fora expulso, o governador

Pedro Gondim fora registrado candidato pelo PSB, com o apoio da UDN e do PL, mas, em verdade, ainda não decidira qual seria o seu novo partido. Era apenas um dissidente do PSD.

Tal situação era incômoda para um governador com pretensões de comando político e ele começou esboçando a formação de uma Frente Renovadora Paraibana, que fez publicar a seguinte nota em “A União” de 24 de fevereiro de 1961:

“A Dissidência Pessedista, reunida nesta capital, decidiu, por unanimidade, constituir um movimento político com inspiração nos pincípios e ideais que orientaram a eleição dos Srs. Pedro Gondim e André Gadelha, denominando-o, de logo, Frente Renovadora Paraibana, que desenvolverá uma campanha de aliciamento de novas forças, para maior amplitude do seu espaço.

Esta iniciativa se explica perfeitamente ante o problema da vida moderna, na prevalência da ação homogênea do grupo, nas suas legítimas reivindicações sobre os interesses de caráter personalista.

Com efeito, urgia uma unificação, um comando, uma sigla, um comportamento, que polarizassem os propósitos de todos.

Justificada a reunião, face aos motivos expostos, iniciou-se o debate a respeito dos pontos fundamentais que informam o movimento, ficando deliberado:

1 - manter e estimular o conjunto de forças que, em coligação, elevaram ao Poder os Srs. Jânio Quadros, Pedro Gondim e André Gadelha.

2 - evitar qualquer atitude ou comportamento que

possa comprometer o quadro político de apoio ao atual Governo, preservando ao mesmo tempo os resultados do pleito de 1960, de fundamental interesse para o nosso Estado.

3 - desenvolver uma atividade de ligação constante entre o Governo e o Povo paraibano, mantendo junto aos Poderes Legislativo e Executivo a lembrança cotidiana dos angustiantes problemas cujas soluções as comunidades esperam e reivindicam, e de outro lado agindo como intérprete, junto às populações participantes das iniciativas governamentais cuja realização dependa do entendimento, do apoio e da confiança populares.

4 - apoiar, irrestritamente, o esforço do Governo e do Povo pela libertação do jugo do subdesenvolvimento econômico e do atraso administrativo.

5 - que esta é a forma de cumprir fielmente as obrigações assumidas com o povo paraibano, política e administrativamente, na memorável campanha de outubro próximo-passado.

Ass) Severino Cabral, presidente; Robson Duarte Espínola, vice-presidente; Antônio de Pádua Carvalho, secretário geral; Hélio Nóbrega Zenaide, 1º secretário; Heronides Meira de Vasconcelos, 2º secretário; José Andrade de Sousa, tesoureiro; coordenadores: Vital do Rego, Francisco Souto, Gerônimo Nóbrega, José Pereira da Costa; Jacinto Dantas; Ronald Queiroz;; Antônio Cavalcanti de Carvalho, Waldir dos Santos Lima, Bandeira Lins e Rogério Martins. João Pessoa, em 21 de fevereiro de 1961.

A criação dessa Frente Renovadora Paraibana foi um tanto romântica e, por isto mesmo, tudo ficou mais no papel. O que o

governador precisava era mesmo de um novo partido político que chefiasse, pois, no momento, ele estava na incômoda condição de um chefe sem partido.

POPULISMO E LIGAS CAMPONESAS

No PSD, enquanto Rui Carneiro se preocupava em atrair o apoio dos grandes políticos tradicionais, conservadores ligados à propriedade da terra, Pedro Moreno Gondim havia inaugurado uma nova linha política, buscando cultivar liderança populista que se afirmasse sem ou contra as velhas chefias locais.

Um exemplo prático: a grande chefia política tradicional da Várzea da Paraíba era o usineiro Renato Ribeiro Coutinho. Mas Pedro Moreno Gondim, na Várzea do Paraíba, não se contentava em contar com o apoio de Renato Ribeiro Coutinho. Foi buscar ali o apoio dos trabalhadores rurais, dos camponeses, dos homens que, no início da década de 60, organizaram as famosas Ligas Camponesas, mesmo que isso lhe custasse certo esfriamento ou distanciamento de homens como Renato Ribeiro Coutinho e Agnaldo Veloso Borges.

Nessa linha de orientação populista havia um espaço vazio na Paraíba. Tínhamos líderes populistas de dimensão nacional, um Juscelino, um Jânio, um Jango, um Ademar. Mas não havia um líder populista nativo, local, estadual. E era esse espaço que se abria a Pedro Moreno Gondim, identificado como estava com as idéias de mudança e de reforma, inclusive a reforma agrária, bandeira maior de luta das Ligas Camponesas.

Entrando por aí, o governador Pedro Moreno Gondim construiu, realmente, na Paraíba, base política de caráter populista, mas não construiu estrutura político-partidária firme, estável, duradoura. Ele era um líder político mas não era um chefe político, um chefe de partido. Em termos partidários, ele continuava condicionado, dependente da estrutura comandada

por João Agripino, pois que se afastara de Rui Carneiro, do PSD. Seus amigos mais chegados se agruparam no PDC mas o PDC não tinha grande expressão .

E, na medida em que ele se identificou com a defesa da reforma agrária e das Ligas Camponesas - para ele uma espécie de associação de classe - foi perdendo apoio e confiança no seio da UDN, base partidária de sustentação do seu Governo, pois a UDN era o partido dos grandes usineiros, senhores de engenho, proprietários rurais. Os conservadores udenistas, não confiando em Pedro Moreno Gondim, foram buscar arrimo nas Forças Armadas, na Guarnição Federal, diante dos perigos e ameaças da mobilização camponesa. Homens como Renato Ribeiro Coutinho e Agnaldo Veloso Borges, considerados grandes inimigos das Ligas Camponesas, tinham trânsito livre junto aos comandos do Exército não só na Paraíba como na Região.

As esquerdas da Paraíba alimentaram a esperança de atrair definitivamente o governador Pedro Moreno Gondim. Mas na hora em que os camponeses começaram a invadir propriedades e a praticar violências, as autoridades policiais agiram com firmeza para restabelecer a ordem e a segurança. As esquerdas não aceitavam esse comportamento. Ou tudo ou nada...

O governador Pedro Moreno Gondim viu-se, assim, diante de grande dificuldade. Não tinha um grande partido político próprio, que garantisse a sustentação política necessária ao seu governo. O partido que lhe emprestava essa sustentação - a UDN - era contra as Reformas de Base, contra a Reforma Agrária, contra as Ligas Camponesas. E, agora, além de desgostar a UDN, desgostava também as esquerdas...

Como vinha desgostando, igualmente, as Forças Armadas.

O populismo gondinista bateu de encontro, assim, a esse paredão de obstáculos. Mas continuou dentro de sua linha. Mesmo combatido por certos líderes das Ligas Camponesas, continuou defendendo a reforma agrária, exigindo justiça social para o

homem do campo e reconhecendo nas Ligas Camponesas legitimidade para organização dos camponeses e defesa dos seus interesses e direitos.

Se a crise evoluísse e atingisse os limites da radicalização, seu governo correria o risco de ser esmagado pelo choque da direita contra a esquerda.

O magnífico reitor Mário Moacir Porto haveria de dizer, mais tarde, que nas horas de crise, a verdade não está no meio, está nos extremos.

Essa posição de "meio" do governador Pedro Moreno Gondim ficaria bem clara, mais tarde, na carta que haveria de dirigir ao governador Ademar de Barros, de São Paulo: *"Na verdade, já é tempo de se dizer às correntes mais extremadas do pensamento brasileiro, que nada se pode fazer em favor dos interesses nacionais, com a supressão das liberdades humanas. As justas tentativas de modificar determinados aspectos de nossa estrutura econômica, não significa dizer que constituam atos modificadores da essência do regime democrático, nem, tão pouco, devem ser confundidas com atentados à tranqüilidade social"*.

E terminava dizendo a Ademar de Barros: *"A Paraíba guarda com São Paulo identificação que o passado revela e espera que, no presente, como no futuro, os nossos conterrâneos se irmanem na defesa de nossas instituições, considerando a Democracia como um instrumento político de paz social, do bem-estar de todos"*.

JÂNIO CONDECOROU CHE GUEVARA E PEDRO HOSPEDOU A MÃE DE CHE

Vereador, deputado, prefeito de São Paulo, governador de São Paulo e presidente da República, Jânio Quadros, na direção do

governo brasileiro, entre as muitas surpresas com que intrigou a opinião pública nacional, inventou de condecorar Che Guevara. Até parecia que o presidente Jânio Quadros insistia em provocar e irritar Tio Sam e os conservadores e capitalistas brasileiros amigos de Tio Sam, anunciando o reatamento com a União Soviética, enviando a Missão João Dantas ao Leste Europeu, promovendo a ida do vice-presidente João Goulart à China Comunista e, quase que numa atitude acintosa, condecorando Che Guevara em Brasília!...

O que é que Jânio queria?

Pois justamente nesse momento de desconfianças e inquietações, que coincidiu com uma fase de agitação das Ligas Camponesas na Paraíba, o governador Pedro Gondim julgou por bem hospedar na capital paraibana a mãe de Che Guevara, Célia Guevara, vinda a convite das forças esquerdistas do nosso Estado.

Célia Guevara veio a João Pessoa em maio de 1961, a convite da União Estadual dos Estudantes e das Ligas Camponesas. Visitou os camponeses, concedeu entrevista na API, fez palestra para os universitários, como hospede do Governo da Paraíba.

É evidente que a "ficha" do governador Pedro Gondim, no seio das Forças Armadas, "engordou" com aquela visita...

Célia Guevara estava aqui no dia 20 de maio e, no dia 25, chegava o presidente Jânio Quadros.

REUNIÃO DE GOVERNADORES

O presidente Jânio Quadros adotara o critério de reunir os governadores, por região, para discutir os problemas regionais em mesa redonda com os governadores, ministros e dirigentes de órgãos federais com atuação na área. Primeiro, fez uma

reunião em Cuiabá, e o governador Pedro Gondim incumbiu Waldir dos Santos Lima e eu de acompanharmos a reunião de Cuiabá para organizarmos a reunião seguinte, que seria aqui em João Pessoa, com os governadores do Nordeste. Waldir e eu integramos a comitiva do ministro João Agripino a Cuiabá.

No dia 25 de maio chegou o presidente Jânio Quadros, com quase todo o seu Ministério, inclusive João Agripino, ministro das Minas e Energia.

Há um velho ditado segundo o qual "de esmola grande cego desconfia". Era o que a Paraíba devia ter feito naquela reunião. O presidente Jânio Quadros prometeu tanta coisa à Paraíba que se tinha a impressão de que nosso Estado se transformaria numa verdadeira Terra de Canaã...

QUASE CR\$ 7 BILHÕES

Cercado dos ministros Clemente Mariani, da Fazenda, Clóvis Pestana, da Viação, Brígido Tinoco, da Educação, Romero Costa, da Agricultura, João Agripino, das Minas e Energia, Castro Neves, do Trabalho, Grun Moss, da Aeronáutica, Silvio Heck, da Marinha, do general Pedro Geraldo, do Gabinete Militar, do presidente do Banco do Brasil, do BNDE e do BNCC, dos dirigentes da SUDENE, DNER, DNOCS, o presidente Jânio Quadros deferiu quase Cr\$ 7 bilhões em favor da Paraíba:

Educação.....	1.189.888.000,00
Saúde	620.000.000,00
Investimentos.....	2.000.000.000,00
Viação	2.300.000.000,00
Agricultura.....	84.550.000,00
Pela SUDENE	40.000.000,00
Interior	8.000.000,00
	6.243.170.000,00

O governador Pedro Gondim era o homem mais feliz do mundo. Nunca um outro governante paraibano tivera a oportunidade de receber uma ajuda financeira desse porte !

Mas, em vez de vir o dinheiro, veio à notícia da renúncia do presidente!

Foi este o triste fim do III Encontro de Governadores que o presidente Jânio Quadros encerrou na capital paraibana naquele sábado, 27 de maio de 1961.

PEDRO E A RENÚNCIA

Diante da renúncia do presidente Jânio Quadros, o governador Pedro Gondim a primeira coisa que fez foi telegrafar ao ministro da Justiça, Martins Rodrigues, manifestando a confiança de que a crise viesse a ser contornada com absoluto respeito à Constituição e garantia da continuidade do regime democrático.

O governador Carvalho Pinto, de São Paulo, telegrafou a Pedro Gondim e este lhe reiterou o que já havia dito ao ministro da Justiça:

"Recebi o apelo de V. Exa. filho do mesmo patriotismo e nutrido da mesma fé democrática com que a Paraíba se posta em vigília cívica desde o dia 25 do corrente, através de manifesto por mim lançado aos paraibanos e sintetizado em despacho telegráfico de 28 ao Sr. Ministro da Justiça. A desoladora surpresa da renúncia do presidente Jânio Quadros, ainda inacessível ao definitivo e insuspeito julgamento da história, só tem paralelo à recente repulsa nacional dirigida contra quantos instam no velado desrespeito à Constituição da República. Ainda confiamos, sacando de nossas últimas reservas, que os atuais responsáveis pelos destinos do Brasil despertem no próprio quadro de apreensão e de sofrimento do seu

povo, e parem nesta busca diletante de fórmulas que a nossa consciência política e o nosso saber jurídico já consagraram na Carta Magna: o pleno e livre exercício dos mandatos".

Era assim que o governador Pedro Gondim respondia à tentativa dos ministros militares de impedirem a posse do vice-presidente João Goulart. Contrariando os ministros militares, que interpretavam o pensamento das Forças Armadas, e se manifestando, com toda clareza e veemência, pela posse do vice-presidente da República, nos termos da Constituição.

Mais uma vez a "ficha" de Pedro Gondim nas Forças Armadas ia "engordar" com novas "anotações"...

Pedro, Pedro; o pau sempre quebra nas costas do mais fraco!

PEDRO E A REVOLUÇÃO

Desde o 28 de agosto de 1961, quando o presidente Ranieri Mazzili enviara ao Congresso uma mensagem dos ministros militares considerando o retorno do vice-presidente João Goulart inconveniente à Segurança Nacional e o governador Pedro Gondim se posicionara a favor da posse de Goulart, nos termos da Constituição, era de se prever que, no futuro, o governante paraibano encontrasse dificuldades em sua carreira política por parte das Forças Armadas.

O Congresso negou-se a vetar a posse de Goulart. E a crise agravou-se com o general Machado Lopes, comandante do III Exército, sediado no Rio Grande do Sul, exigindo a posse do sucessor legal...

A corrente legalista tinha repercussão também, como se vê, no seio das Forças Armadas, e certamente por isso a crise evoluiu para uma fórmula intermediária em que Goulart, no dia 7 de

setembro, pode assumir, mas com os poderes limitados pela instauração do sistema parlamentarista.

No poder, entretanto, Goulart promoveu o plebiscito, em janeiro de 1963, recuperando os poderes presidencialistas, e o governador Pedro Gondim ficou ao lado da campanha plebiscitária, regozijando-se com a vitória do presidente João Goulart.

Era mais um distanciamento de Pedro Gondim do segmento anti-Jango das Forças Armadas.

Logo em seguida, o presidente João Goulart inicia a campanha das "reformas de base"... sobretudo a reforma agrária, campanha que encontrou eco imediato no Nordeste, particularmente nas áreas de atuação das Ligas Camponesas, e com a colaboração dos governadores Miguel Arraes, de Pernambuco, Pedro Gondim, da Paraíba, e Aluísio Alves, do Rio Grande do Norte.

O governador Pedro Gondim participou de concentração em favor das reformas de base na Paraíba, com o presidente João Goulart, ali na Lagoa. Desde esse tempo sua "ficha" já estava no vermelho...

Achando pouco, o presidente João Goulart fez outra grande concentração em Natal, com o governador Aluísio Alves, e Pedro Gondim fez questão de ir para o palanque...

O coronel Pedro Belmont e eu o acompanhamos e houve um incidente muito sintomático em Natal. Na hora da concentração popular, quando foi anunciada a palavra do presidente João Goulart, o general Humberto de Alencar Castelo Branco e mais dois outros generais saíram do palanque presidencial e se trancaram num automóvel, onde ficaram confabulando.

O coronel Pedro Belmont e eu, que não tínhamos tido acesso ao palanque, ficamos na área reservada aos veículos da comitiva presidencial e pudemos observar, de perto, por isso, essa

estranha confabulação.

O coronel Belmont e eu comentamos, na ocasião, a estranha atitude daqueles generais, achando que era até acintosa a sua saída do palanque na hora em que o presidente estava falando.

Era já a Revolução nascendo... com o general Castelo Branco no comando da trama, nas barbas do presidente!

Isso nos dá uma idéia da inocência de João Goulart e da sua falta de apoio no seio das Forças Armadas.

Finalmente, no dia 31 de março de 1964, aconteceu o que aconteceu. As Forças Armadas depuseram o presidente João Goulart, que chegara a ter a ousadia de fomentar, de instigar a indisciplina e a quebra da hierarquia militar!

E evidente que, despreparado e sem contar com apoio militar suficiente, o mais que poderia fazer era esboçar, como quis esboçar, no Rio Grande do Sul, uma romântica resistência...

Aqui na Paraíba, o governador Pedro Gondim não sabia de nada, estava completamente sem informações, foi apanhado de surpresa. Como Miguel Arraes, como Aluisio Alves...

Eu mesmo era seu assessor de Imprensa e, na noite do dia 31 de março, estava em casa, numa granja, dormindo no terceiro sono, sem saber de nada. A certa altura, acordei, perdi o sono e resolvi ligar o rádio. Aí foi que vim a saber que o Brasil estava pegando fogo...

Todos fomos apanhados assim de surpresa.

Duvido que alguém seja capaz de preparar uma revolução melhor do que o general Castelo Branco. Preparou tudo sem que os adversários ou os seus possíveis aliados desconfiassem de nada.

Lá na granja, nas margens do rio Jaguaribe, acordei a esposa e disse que ia para o Palácio da Redenção. Meu lugar, naquela hora, era lá, ao lado do governador. Saí a pé, já por volta das 11 horas da noite, fui para a avenida Epitácio Pessoa e fiquei dando com a mão para todos os carros que passavam, até que uma Kombi parou. Era um grupo de elementos do Partido Comunista. Pedi que me deixassem na Avenida Pedro II, onde eu podia pedir a meu pai seu carro emprestado. O grupo prosseguiu, tomando a avenida João Machado, talvez rumo ao Recife.

PEDRO DECIDE APOIAR A REVOLUÇÃO

Quando cheguei à casa de meu pai, na Avenida Pedro II, ele não me deixou ir para o Palácio.

Fiquei preso...

- Só vai amanhã!

No dia 1º de abril, bem cedinho, foi que me dirigi para o Palácio da Redenção, onde o governador Pedro Gondim, cercado de familiares, de auxiliares, de amigos, de correligionários, passara toda a noite acompanhando o rumo dos acontecimentos pelo rádio.

Não acompanhei as conversações, as confabulações, a tomada de decisão. Quando cheguei o governador já estava de saída para a Rádio Tabajara a fim de ler uma proclamação ao povo da Paraíba, definindo sua posição em favor da Revolução.

PROCLAMAÇÃO DE PEDRO

Eis o texto de sua "Proclamação à Paraíba e ao Brasil":

"Não posso e não devo, neste instante de inquietação

nacional, deixar de definir minha posição, na qualidade de governador dos paraibanos.

Reafirmo, preliminarmente, todos os pronunciamentos que expendi em favor das reformas essenciais, por saber que elas constituem instrumentos legais de adequação aos novos problemas do povo. E neste sentido nunca faltei com o meu estímulo e apreço ao Governo Central.

Os últimos acontecimentos verificados no Estado da Guanabara, envolvendo marinheiros e fuzileiros navais, denunciaram, porém, inequívoca e grave ruptura na disciplina, em destacado setor das Classes Armadas, com desprezo às linhas hierárquicas e completa alienação às prerrogativas da autoridade, susten-táculo autêntico da Segurança Nacional.

O movimento que eclodiu, nestas últimas horas, em Minas Gerais, com repercussão em outros Estados, não é mais nem menos do que a projeção de acontecimentos anteriores, numa tentativa de recolocar o País no suporte de sua estrutura legal, propiciando clima de tranquilidade indispensável ao processo de desenvolvimento que vivemos.

O pensamento político de Minas Gerais, hoje como em 30, identifica-se com a vocação histórica do povo paraibano, que deseja, neste episódio, e sobretudo, o cumprimento das liberdades públicas, consubstanciadas na defesa intransigente do regime democrático.

João Pessoa, 12 de abril de 1964.

Pedro Gondim

Governador."

Como esclareci antes, não passei a noite de 31 de março para 1º de abril no Palácio da Redenção. Não pude acompanhar,

portanto, a vigília palaciana, as conversas, as opiniões, as tendências e a tomada de decisão.

Ouví dizer depois, entretanto, que tinham sido examinadas todas as alternativas. Ou melhor, as duas alternativas existentes: ficar com o presidente João Goulart, ou ficar com a Revolução.

O governador Pedro Gondim perdeu toda a noite na discussão da situação, no acompanhamento do noticiário e na definição da posição que iria adotar, e que foi a expressa na proclamação lida de manhã na Rádio Tabajara.

Houve quem visse nisso certa hesitação ou tibieza. Houve quem dissesse que, se tivesse se definido em favor da Revolução no próprio dia 31 de março, não teria sido mais tarde vítima do AI-5. Não vejo a coisa por aí. O que me parece é que o governador Pedro Gondim foi apanhado de surpresa pela Revolução.

Os articuladores do movimento revolucionário não o haviam procurado antes, não o haviam sondado ou consultado. Ele não fora ouvido nem traído. Estava por fora dos acontecimentos.

Estava mal informado, pouco informado, desinformado. É claro que, em tais circunstâncias não podia arriscar uma definição no escuro e arrastar a Paraíba para o desconhecido.

O homem mais decidido da Paraíba foi o presidente João Pessoa. Mas levou muito tempo para tomar uma decisão sobre a Revolução de 1930, e negou-se muitas vezes a aderir a tal movimento. Ele não queria ser precipitado e não gostava de revolução. Era mais ou menos isso o que ocorria com Pedro Gondim. Tanto que em sua proclamação, não defendeu um ideal revolucionário, defendeu, sim, a preservação do regime democrático... **"na defesa intransigente do regime democrático"**!

O que ele esperava da Revolução era que o regime democrático não fosse abolido por decreto, como em 1937, com o apoio das Forças Armadas.

APOIO A CASTELO BRANCO

No Nordeste, o IV Exército, sob o comando do general Justino Alves Bastos, agiu com muita rapidez, movimentando tropas para evitar a mobilização das forças de esquerda, na região então denominada de barril de pólvora do movimento comunista no Brasil: o Recife e as zonas de agitação das Ligas Camponesas.

O Palácio das Princesas foi de logo isolado do mundo... e foram estabelecidas barreiras nas estradas de entrada e saída das capitais.

O governador Miguel Arraes foi de imediato intimado a renunciar. Ante sua recusa em renunciar, foi preso e conduzido para a Ilha de Fernando de Noronha. Com o governador Pedro Gondim, a situação foi muito diferente. O governador da Paraíba mostrou-se empenhado, desde os primeiros instantes, em preservar a ordem pública. Colaborou, por isso, francamente, com a Guarnição Federal, à cuja frente se encontrava o coronel Ednardo D'Avila Melo, tanto que, no dia seguinte, A UNIÃO, em seu editorial, frisava: "Reina na Paraíba, até o presente momento, a mais absoluta ordem e segurança, estando o Governo do Estado, em consonância com as Forças Armadas", e acentuando "de acordo com a linha de conduta da Guarnição Federal da Paraíba, já revelada pelo seu bravo e leal comandante, Coronel D'Avila Melo, absolutamente integrado no dispositivo militar do IV Exército".

Já no dia 2 de abril o governador Pedro Gondim e o deputado Vital do Rego eram recebidos, no Recife, pelo general Justino Alves Bastos, comandante do IV Exército, que agradeceu a ordem reinante na Paraíba e a colaboração do Governo do Estado com a Guarnição Federal.

O governador Paulo Guerra, que substituiu o governador Miguel Arraes, sondou Pedro Gondim sobre o nome do general Humberto de Alencar Castelo Branco, Chefe do Estado Maior do Exército e coordenador-mor do movimento revolucionário.

Eis a resposta:

"Governador Paulo Guerra - 5-4-1964 - Pensamento ilustre Governador expresso mensagem telegráfica sobre a confiança e preferência com que todo o país se define e consagra nome general Castelo Branco para alta investidura Presidência da República, guarda absoluta identificação conduta e propósitos nosso Estado. Aquele respeitável despacho alcançou, inclusive, já em viagem, o deputado Vital do Rego, com poderes de pronunciamento junto ao Congresso Nacional. Sensibilizado e grato seu elevado gesto espero ver sempre Pernambuco e Paraíba unidos pelo Brasil. Cordiais Saudações, Pedro Gondim, Governador"

JOACIL PEDE CASSAÇÃO

Pertencente à bancada da UDN, o deputado Joacil de Brito Pereira apresentou à Assembléia Legislativa da Paraíba um projeto propondo a perda do mandato dos deputados estaduais esquerdistas, integrantes do Partido Socialista Brasileiro.

A medida foi aprovada e baixada a Resolução nº 272, de 10 de abril de 1964, declarando a perda de mandato dos deputados Francisco de Assis Lemos, Langstein Almeida, e dos suplentes Figueiredo Agra e Agassiz Almeida, do PSB, Resolução assinada pelo presidente Clóvis Bezerra e o secretário Antônio Montenegro. Estas foram as primeiras vítimas da "caça às bruxas" na Paraíba...

Cito o episódio para destacar que, da parte de Pedro Gondim e dos gondinistas não havia "caça às bruxas"; isso partia da UDN...

COMANDO SUPREMO DA REVOLUÇÃO

Num caso, porém, o governador Pedro Gondim teve de submeter-se ao Comando Supremo da Revolução, quando este baixou o Ato Institucional de 9 de abril de 1964, cujo artigo 7º determinava fossem criadas Comissões de Investigações Sumárias de atividades de servidores públicos acusados ou suspeitos de atentarem contra a segurança. . .

O Comando Supremo da Revolução fez essa perversidade com os governadores estaduais, obrigando-os a investigar as atividades de seus funcionários acusados ou suspeitos de subversão.

Pedro Gondim não teve como fugir e baixou o decreto nº 3.540, de 18 de abril de 1964, em cumprimento ao disposto no Ato Institucional de 9 de abril do mesmo ano, constituindo uma Comissão composta do Secretário do Interior e Justiça, do Consultor Jurídico do Estado, do Secretário de Segurança Pública, do Secretário da Administração e do Comandante Geral da Polícia, para, sob a presidência do primeiro, na forma do disposto no art. 7º e seus parágrafos do Ato Institucional de 9 de abril de 1964, baixado pelo Supremo Comando da Revolução, proceder as investigações sumárias das atividades dos servidores estaduais acusados ou suspeitos de terem atentado contra a segurança do país, a segurança democrática e a probidade administrativa pública.

Dezenas de funcionários estaduais tiveram suas atividades investigadas por essa Comissão, sendo citados para a apresentação de defesa.

No fim, tanto o governador, que criou a Comissão, como o secretário Sívio Porto, seu presidente, foram punidos pelo Comando da Revolução, mas sem direito a defesa!...

Como aconteceu também com o governador Carlos Lacerda, o governador Ademar de Barros, o governador Mauro Borges, que

apoiaram a Revolução e também foram devorados pela Revolução...

Era uma espécie de canibalismo singular, esse, do Comando Supremo da Revolução, a alimentar-se da carne de seus colaboradores civis... da carne e do sangue dos governadores que cometeram “o crime” de apoiar a Revolução de 31 de março de 1964.

Nem o ex-presidente Juscelino Kubistchek, que apoiou a candidatura do presidente Castelo Branco, escapou desse canibalismo insaciável.

JOÃO AGRIPINO, DONO DA CENA

O governador Pedro Gondim, dali por diante, não poderia esperar grande coisa da Revolução. Embora apoiando o presidente Castelo Branco, a verdade é que não seria nunca um homem da intimidade e da confiança do presidente, nem da Revolução.

Ao programar as comemorações do Centenário de Epiácio Pessoa, por exemplo, o governador Pedro Gondim foi a Brasília convidar o presidente Castelo Branco para a solenidade comemorativa. O presidente Castelo Branco recebeu-o, recebeu o convite para vir à Paraíba... mas não assumiu compromisso. Dava para notar que o clima para Pedro Gondim no Alto Comando Revolucionário não era muito saudável.

Com isso, quem ficou numa boa foi João Agripino, amigo do presidente Castelo Branco... homem de confiança da Revolução. Na política da Paraíba, dali por diante, o dono da cena era ele.

CANDIDATO A GOVERNADOR

No dia 7 de junho de 1965 o Diretório Estadual da UDN reuniu-se e indicou o nome de João Agripino para candidato a governador.

O governador Pedro Gondim, que contava com a legenda do PDC, indicou Sílvio Porto para vice-governador.

Mas o PSD lançou a candidatura de Rui Carneiro e João Agripino, com medo de correr riscos, pressionou Pedro Gondim para substituir Sílvio Porto por Severino Cabral.

Severino Cabral, o Pé de Chumbo, tinha peso eleitoral, e, em verdade, talvez João Agripino tivesse sido derrotado se não mudasse seu candidato a vice-governador.

Eleito a 3 de outubro de 1965, a 31 de janeiro de 1966 o governador João Agripino tomava posse, sucedendo o governador Pedro Gondim.

Se não fosse, de um lado, o apoio do governador Pedro Gondim, e de outro, de Severino Cabral, João Agripino teria sido derrotado por Rui Carneiro.

Na verdade, Rui Carneiro ganhou...mas não levou. Recorreu da eleição à Justiça Eleitoral mas quando a Justiça Eleitoral julgou a favor de Rui, João Agripino já tinha terminado o governo!...

E no futuro Pedro Gondim e Severino Cabral seriam levados às fogueiras da Santa Inquisição da Revolução, sem que o poder do governador fosse capaz de salvá-los.

IPM CONTRA PEDRO

Os adversários da Revolução viviam num clima de terror porque de uma hora para outra poderiam ser presos e punidos sem

processo e sem defesa.

Qualquer notícia envolvendo alguém em suspeita de subversão ou de corrupção, era, por isso, uma notícia fatídica.

A Paraíba, por isso, ficou de orelha em pé, quando o jornal Correio da Manhã, na edição de 19 de março de 1965, noticiou, em sua coluna "Mundo Político", que o governador Pedro Gondim, da Paraíba, não tinha nenhum IPM contra ele...

Naquela altura dos acontecimentos, dizer que não havia IPM contra o governador Pedro Gondim, era tão ruim como dizer que havia, porque, dizendo que não havia, o Correio da Manhã podia despertar ou acender animosidades e malquerenças que era o que não faltava, sobretudo em certos meios militares.

PEDRO E CASTELO

Depois da posse do governador João Agripino, Pedro Gondim, que fora eleito deputado federal, incorporou-se ao governador e sua equipe de auxiliares para receber o presidente Castelo Branco no Aeroporto Castro Pinto.

O presidente Castelo Branco, agora, com João Agripino no Governo, vinha à Paraíba sem constrangimentos...

E o deputado Pedro Gondim foi cumprimentá-lo no aeroporto. Cumprimentos cordiais. Tudo ia bem. Ou pelo menos parecia que ia bem.

AGRIPINO REPROVADO NO TESTE...

Bom administrador, realizando uma grande obra no Governo, e contando com todo o apoio e prestígio do Governo Revolucionário, João Agripino foi submetido, em 1966, a um teste político.

Rui Carneiro candidatou-se à reeleição e o governador João Agripino resolveu combatê-lo, lançando a candidatura de Aluisio Afonso Campos ao Senado.

No dia 15 de novembro, o governador João Agripino foi reprovado no teste das urnas (com a Revolução): Rui Carneiro foi reeleito com 191.311 votos, enquanto Aluisio Afonso Campos só obteve 181.520.

GOVERNO COSTA E SILVA

Vencendo todas as incertezas e perigos do alto mar, Pedro Gondim terminou o Governo Castelo Branco em paz.

Agora, era deputado federal.

A 24 de janeiro de 1967 o Brasil recebia uma nova Constituição que substituiu a de 1946, e com vigência a partir de 15 de março, data em que tomou posse o novo presidente eleito, marechal Arthur da Costa e Silva.

Com este, a sorte de Pedro Gondim ia mudar.

No Governo Costa e Silva, os estudantes e trabalhadores começaram a agitar novamente o país.

Em Lisboa, Juscelino Kubtischek e Carlos Lacerda se encontraram e firmaram pacto político, o que começou a preocupar os estrategistas políticos do governo, sobretudo quando João Goulart juntou-se aos dois e a dupla passou a ser um trio perigoso.

Juscelino, Lacerda e Jango, unidos, representavam a aliança interna da UDN, do PSD e do PTB - imbatível !

A 9 de abril de 1967 chegava Juscelino Kubtischek ao Rio, vindo de Miami. A presença de JK dava novo ânimo às forças de

oposição...

Mas os problemas iriam agravar-se no ano seguinte, quando a Câmara negou o pedido do governo para processar o deputado Márcio Moreira Alves.

Aí, a 13 de dezembro de 1968, o presidente Costa e Silva baixou o famoso Ato Institucional nº 5, implantando praticamente uma ditadura sem máscara no país.

Uma sexta-feira 13, fatídica, aquela, que mergulhou o Brasil no arbítrio total.

O alvo principal era a Frente Ampla, que começara a ser articulada por Juscelino, Lacerda e Jango.

Tanto que, nas primeiras horas, foram detidos e encaminhados a diferentes quartéis os líderes da Frente Ampla. Carlos Lacerda foi preso e levado para o quartel da Polícia Militar. Juscelino Kubtschek, foi preso ao sair do Teatro Municipal, onde fora assistir à formatura de uma filha, sendo conduzido para o 3º Regimento de Infantaria...

E logo no mês de janeiro seguinte começava a vez da Paraíba.

Paradoxalmente, o Governo Costa e Silva super-prestigiou a Paraíba, escolhendo os paraibanos Ernani Sátyro, para líder do governo, Lyra Tavares, para ministro da Guerra, Leonel Miranda, para ministro da Saúde, e Jaime Portela, para ministro chefe do Gabinete Militar... quatro paraibanos nos postos mais importantes do governo; e foi ao mesmo tempo quem mais massacró a Paraíba!

No dia 16 de janeiro foram cassados os deputados federais Vital do Rego e Osmar de Aquino... e no dia 7 de fevereiro, Pedro Gondim!

No dia 13 de março foram cassados os deputados estaduais Sílvio Porto, Robson Duarte Espínola, Francisco Souto, Romeu Gonçalves de Abrantes e o prefeito Ronaldo Cunha Lima...

Os ex-governadores Pedro Gondim e Aluísio Alves foram cassados num ato só.

Afinal, a "ficha" de ambos (Ligas Camponesas, Reformas de Base, Reforma Agrária...) funcionou.

Dizem que o marechal Costa e Silva, referindo-se a Pedro Godim, teria feito este comentário:

-Este é meu!

O governador João Agripino, calado estava, calado ficou. Não deu entrevista nem pronunciou qualquer discurso de defesa dos seus amigos.

O jornal A União, do Governo do Estado, não fez o menor registro. O nome de Pedro Gondim só saiu no noticiário telegráfico vindo do Sul... Todo mundo tinha medo de defender Pedro Gondim!...

Antes, Pedro Gondim era quase um deus na Paraíba... e agora, cassado o mandato e suspensos seus direitos políticos, ninguém era capaz de levantar a voz em sua defesa !

Mesmo João Agripino sendo um governador todo poderoso, Emani Sátyro sendo líder do Governo, Jaime Portela, Chefe da Casa Militar, Leonel Miranda, ministro da Saúde e Lyra Tavares ministro da Guerra, a Paraíba não teve forças para salvar Pedro Gondim nem coragem para defendê-lo depois de cassado!...

Quando o deus caiu em desgraça, foi abandonado.

BIBLIOGRAFIA

MAIA, Sabiniano - Flávio Ribeiro Coutinho, história de uma vida e de uma época, A UNIÃO CIA. EDITORA, 1977.

COUTINHO, Marcus Odilon Ribeiro -Poder. alegria dos homens. Gráfica A IMPRENSA, 1965.

MELO, José Otávio de Arruda -Tensão Social e Revolução na Paraíba, 1976.

Coletâneas de A UNIÃO e O NORTE.

PINTO, Luís -Fundamentos da História e do Desenvolvimento da Paraíba. Editora Leitura S.A., 1973.

(1) MALA, Sabiniano -Flávio Ribeiro Coutinho, história de uma vida e de uma época. A UNIÃO cia. Editora, 1977, pgs. 121"122.

(2) - COUTINHO, Marcus Odilon Ribeiro, poder, alegria dos homens, Gráfica "A Imprensa", 1965, pgs. 116 a 118.

(3) -MELLO, José Octávio de Arruda -Tensão Social e Revolução na Paraíba, 1976, pág. 73.



**MOMENTOS
EM FAMÍLIA**





A família reunida por ocasião da Primeira Comunhão de Nilda, Pedro e Toinho, seu sobrinho.



Em família, com o sogro Antonio Bento Filho.



Pedro Gondim com suas filhas Dalva, Sônia, Nilda, Rosa e Hamilton.



No seu aniversário com a família.



Pedro Gondim, seu neto Vitalzinho e a esposa Vilalba.



Pedro Gondim e seus bisnetos.



Com a neta Rachel.



Pedro Gondim nos seus noventa anos.



Com os filhos no seu aniversário.



Pedro Gondim com as netas Ozanete, Silvana, Isabela e o bisneto Rodolfo.



Com a filha Rosa de Fátima.



Em família, nos seus noventa anos.



Com os filhos Gilson, Fábio e a nora Wanda e o neto Mateus.



Com o neto Mateus.



Com a família, ao receber o título Personalidade do Ano.



Com a esposa Sílvia,
no dia dos seus noventa anos.



Pedro Gondim e o neto Alexandre.



Com a filha Nilda e os netos Vitalzinho, Rachel e Veneziano.



Com as irmãs Edith, Lourdes e familiares.



Pedro Gondim.



Comemorando o aniversário em família.



Com a filha Sônia e os netos Talita e Pedro.



Nos seus noventa anos, com a família e seu amigo Antonio de Melo.



Humberto Nóbrega, Dr. Eugênio Carvalho,
Pedro Gondim e Ofélia Gondim.



Com a filha Nilda, Vital do Rêgo, Vitalzinho, Rachel, Vilalba e Sávio.



Com o filho Gilson Gondim.



Pedro, seu filho Hamilton, sua filha Sônia e o neto Alexandre, na comemoração do seu aniversário.



Comemorando o aniversário de sua filha Rosa.



Pedro e sua esposa Sílvia.



Pedro e seus bisnetos.



Pedro e seus bisnetos.



Pedro o filho Fábio.





Aniversário de Inácio Gondim, pai de Pedro Gondim.



Pedro Gondim com sua mãe, os irmãos Clóvis, Edith, Inah, Owany, Lourdes e a cunhada Jandira Gondim.



CANÇÃO DA FAMÍLIA
Pedro Moreno Gondim

Entre feliz nesta casa.
Venha compor a canção
Universal da família,
Onde pais, filhos e netos
Modulam as vozes do tempo
Nas harmonias do amor.
Venha cantar parabéns
Que sejam preces ouvidas
Em favor de outros irmãos,
Lá nos barracos do morro
Ou então nos alagados
E casinhas de sapé

Vamos abrir caminhos,
Matizá-los de esperanças,
Encontrar a juventude
Que o futuro já vem.
E proteger as crianças
Que são todas nossos filhos.
Não há “filhos de ninguém”.
No encanto de servir,
Façamos de nossas vidas
Um eterno alvorecer,
Porque só no riso de todos
Há parabéns pra você.





Pedro, sua esposa Ozanete e a filha Sônia.



**HOMENAGEM
DOS FAMILIARES
E AMIGOS**



Lourdinha Luna

lourdinh@luna@uol.com.br

Pedro Moreno Gondim

Diz-se a poeta Cecília Meireles: "Quando os homens amurram na vida, quando os horrores nasceram na morte, nunca mais tu morrerás..." Pedro Gondim, conquistará vivo na sua descendência direta e colateral. Enquanto existiu, foi médico no vale do Paraíba, ele será lembrado como intenso e humano.

Tornou-se tradição nos seus admiradores, celebrá-lo a 1.º de maio. A princípio capitaneados por Antônio Mello, que acaba de completar 100 anos, no controle de sua mente. Depois o comando passou para Waldir dos Santos Lima, que o detém até hoje.

Nos primeiros anos, a festa de confraternização, era só alegria e saudades, pelo reencontro com os velhos camaradas. Numma corrida apressada o grupo foi se desfalecendo. Uma parte que tentou, ou não sua subida para a planície e a descida para a via-crucis, que outros lhe impuseram, o tempo compunha o mundo metafísico, inabissável ao conhecimento humano.

Da turma que o seguiu, sem temer perseguição, poucos estão em atividades administrativas. Há os que ainda exercitam a inteligência, via, porém, em casa, como o jornalista Hélio Zentile, na época ânora do jornal "O Norte".

Salvo engano apenas Osvaldo Trigueiro do Vale (UNIFF), Nelson Coelho (A UNLAC), Marilac Toscano (Casa Civil) João Duarte (PL) ainda obtocem a Paraíba, o concurso de sua destreza mental.

Com rebeldia Pedro Gondim divergia o PSD ortodoxo. Os dissidentes abrigaram-se na legião do Partido Democrata Cristão, sob sua liderança, uma forma de dominação, fundamentada no seu evidente prestígio pessoal.

A corporação de 1960 para o governo do Estado, fora pobre de recursos materiais, porém movida de entusiasmo. Tempo gava pelo programa de governo que o candidato realizou quase totalmente. Falta por ele os Distritos Industriais de João Pessoa e Campina Grande, responsáveis pela manutenção do único estadual.

O governador voltou-se para o campo, na tentativa de mudar o status do camponês, consentindo-lhe direitos, privilégios, obrigações e imitações, mas foi incompreendido na ação social que pretendia implantar.

Em Raízes do Brasil — Sérgio B. de Holanda diz que "nos domínios rurais a autoridade dos donos de terras não sofre réplica. Tudo se faz de acordo com sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica."

O sonho malogrado trouxe o poder e doou-lhe o saber perverso estraçalhado. No entanto, o espírito alanceado não se acobrou e na testa dos 80 anos brindou-nos com a "Canção da Família", um hino de condenação ao partido, à paz e de louvor à esperança.

Hoje ao se perguntar quem é o homem, não precisa mudar o tempo do verbo: - O Homem é Pedro!

Painho,

Entim, missão cumprida...

Sua tarefa, seus amigos, todos todos agraciados por Deus em poder usufruir da sua presença, tanto hospitável no âmbito da salvação.

Independente de cor, raça ou credo, como você sem dizes no seu poema "Abraços das Haças":

"Todas guas
Todas matris
E filhas de Deus"

Todos amam a sua partida, mas fica o exemplo de honradez e dignidade que sempre norteou sua vida.

Ah Painho, sua história:

Menino pobre em Alagoas Nova, cidade que lhe serviu de berço e cenário de gratas recordações no Engenho Capim-Açu, onde viveu sua infância.

Estudante também pobre do Liceu Paraibano, recebendo o imprescindível apoio de suas tias Benilde e Sirlá que o acolheram na sua casa.

Obstinado e confiante no seu potencial, enfrentou desafios e conseguiu o seu diploma de advogado na Faculdade de Direito do Recife.

Exerceu sua profissão nos circuitos do brejo onde conheceu muita inexistência, de estudaosa memória, e constituiu sua família.

Com seu jeito simples e carismático, conquistou amigos e assumiu a liderança da região, dando-lhe respeito para ingressar na vida pública, sendo eleito Governador em 1980, numa acirrada e memorável campanha.

Humilde, extremamente humano, lutou contra a desigualdade social, valorizou o funcionalismo público, priorizou a economia, incentivou a agricultura e o indústria e foi pioneiro nos projetos culturais.

Com determinação, firmeza, coragem e espírito público, superou todos os obstáculos e realizou uma grande administração.

Como porta-voz, sua oratória e sensibilidade com mensagens de amor, fraternidade e justiça.

Ah, Painho... quando dó a nossa impotência diante do seu sofrimento.

Só nos resta elevar as nossas preces a Deus para que o acolha no lugar das justas e puras do consócio e citar aqui o seu poema "Tranquilidade":

"Como é bom não ter medo
Não ter medo da morte
Pelo exemplo de vida que lavou
Como é bom todas as noites,
Na conta do rosário que rezou,
Sentir almas presentes
Agradecendo o bem que se ofertou
Como é bom na hora do adeus,
Quando o homem da terra se livrou,
Saber que um povo está lutando,
Mais se aproxima do mundo que sonhou"

Como é bom para nós, seus filhos, netos e bisnetos, reverenciar a sua memória e adotar o seu exemplo - nosso maior patrimônio.

Nildaíra

GOVERNADOR PEDRO GONDIM,

Intemporal.

Filho extremado;

Chefe de Família inexcelável;

Amigo fraterno;

Político e governante sem maiores,
em competência e espírito público.

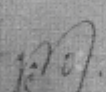
Indiferente ao apogeu do **poder** que
não lhe diminuiu a **humildade**, e
acima das injustiças que arrostou
com impávida e serena **dignidade**.

Não conheceu o ódio; só o **Amor**.

Um **homem integral**, à Imagem
e Semelhança de **DEUS!**

Eia, pois o credo de minha **gratidão**
e respeito, indiferentes ao tempo,
à distância e ao silêncio;

Em forma de saudades.


VITAL DO RÊGO

Em 26.07.05

Sua busca incessante por justiça, retidão de caráter, simplicidade e solidariedade, fizeram de Pedro Gondim um ser social e político de rara grandeza que, passados 100 anos, os paraibanos não esqueceram que o “HOMEM É PEDRO”.

Graça Marques

Vovô Pedro, meu amigo,

Por Rachel Gondim

(Em 01 de agosto de 2005)

Não devia estar aqui, como muitas famílias, não herdei o dom da oratória e dos grandes discursos, porém, não poderia deixar de fazer esta última homenagem.

Sabe vovô, você foi um **GIGANTE**, estes últimos 35 dias de vida passados no leito de uma **UTI**, mostrou que fortaleza você era. Seu organismo respondia bem a todos os procedimentos realizados, você ficou na respiração e depois foi traqueostomizado, sem ter nenhuma alteração no seu coração. É que **coração** maravilhoso! Ele representou bem o seu papel, segurou enquanto pôde os seus pulmões e seus rins.

Nós, naquele sofrimento intenso, nos alegrávamos em ver suas reações; um piscar de olhos, um franzir das sobrancelhas, um aperto com força nas nossas mãos. Depois, refletindo sobre aqueles dias de sofrimento, pude mais uma vez perceber o quanto Deus é misericordioso, supremo, **Ele pensou, evocou também**, que tinham preparado nós familiares para a sua partida. Mas que nada, nos sentimos orfãos, a dor da perda é inenunciável, o vazio e o aperto no peito é grande demais!!!

Vovô, você foi completo:

1 - **UMPAI**: que correu ao encontro dos filhos e não deixava que nenhum passasse dificuldades;

2 - **UMAVÔ**: carinhoso, amigo, brincalhão, que dava opiniões e conselhos sobre como agir, e até como se vestir e portar diante das pessoas;

3 - **UMAMIGO**: fiel, companheiro, leal, que teve nas figuras de Antônio Melo, Assis Carmelo, Waldir Lima e Pedro Adelson suas maiores atenções;

4 - **IMPOLÍTICO HUMANO**: o melhor de todos os tempos para o **funcionalismo público**, que nunca precisou de mídia e holofotes para se promover.

Talvez, um exemplo para todos que tiveram o privilégio de conviver com você, de te conhecer e de agora em diante te reverenciar sempre.

Vovô, agradecemos também as pessoas que para nós foram muito importantes na sua vida; a começar por **Manoel (Sr. Nel)** seu acompanhante, seu leal amigo que cuidava tão bem de você; a **D. Maria (Silvia Jose)**, seus últimos auxiliares de enfermagem, que te levavam não só as medicações prescritas, porém muito carinho, amor e dedicação; a **Mago**, sua motorista de tantos anos, que sabia de tudo o que você gostava e de quais locais você se sentia bem em ir; a **Tonhu**, sua cozinheira, que tão bem preparava a sua dieta, respeitando as prescrições médicas.

Agora vovô, jamais esquecerá o seu **antidaguarda: Dr. Manoel Jaime**, um homem que te acompanhou durante muitos anos, que na hora que era chamado imediatamente estava na rua **Edson Ramalho**, que te tinha um carinho especial, e que nunca te abandonou, todos os dias estava como nós na **UTI**, torcendo e vibrando com algum sinal de melhora.

A equipe da **UTI Geral do Hospital da UNIMED**, aos meus colegas médicos que, reconhecer, fizeram o possível para você se recuperar; ao corpo de enfermagem e aos fisioterapeutas, especialmente **Jasmere e Marcelin**; a assistente social **Carla** e a psicóloga **Mariécia**, nosso eterno agradecimento.

E, por fim, **agradeço a DEUS** por ter me dado a felicidade e a bênção de ter convivido com um homem maior, um exemplo de vida para todos nós.

Descanse em paz vovô e tenha a consciência tranquila que **VOCE** cumpriu, com louvor, o seu papel aqui na Terra.

Te amamos muito, sua benção,

Rachel.

"O HOMEM É PEDRO!"

Ao Dr. Pedro Gondim (falecido hoje)

Por Sebastião Ayres de Queiroz

"O homem é Pedro!" – bradavam as grandes multidões -,
Nos comícios em praças, ruas e avenidas,
Vencendo lutas árduas, campanhas renhidas,
Sagraram-se em memoráveis, limpas eleições.

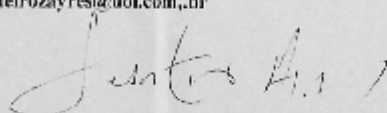
Penou muitas carências e limitações,
Oposições severas e até desmedidas,
Teve batalhas ganhas, mas outras perdidas,
Celebrou vitórias, mas sofreu frustrações.

Realizou próspera administração,
Sem trair as virtudes de seu coração,
Generoso, sensível, ameno e complacente.

O povo foi truído, e ele foi fraudado
Quando de seu mandato ele se viu cassado,
De maneira arbitrária, infame e prepotente

Em 26.07.2005

queirozayres@uol.com.br



100 ANOS

SEM MEDO

CENTENÁRIO DE PEDRO GONDIM

Realização:

FUNDAÇÃO
ULYSSES
GUIMARÃES



Apoio:

